

GAZETA

VALSASSINA

março 2018
número 67



O Currículo oculto

Índice

Editorial	1
Adaptabilidade: a chave para o Futuro!	2
Os millennials gostam dos seus currícula?	4
Currículo oculto e os desafios	5
A sala de aula como sementeira	6
Ensinar é trabalhar o invisível	8
Vozes do currículo oculto	10
Trabalho de projeto ou <i>hard skills</i> vs <i>soft skills</i>	12
Ser pela Arte: educar e criar artistas	14
Ynari, a menina das cinco tranças	16
O Mundo é a Nossa Casa	18
Exploração da História «O Birras Quer ser da Família da Clara» de Vera Ramalho	20
O que não vem escrito nos manuais...	21
12.ª Edição do Concurso Nacional de Leitura (2017/18)	22
Escrita Criativa	24
A importância de pensar fora da caixa	26
A Liberdade na Expressão	28
Parlamento dos jovens	30
Projeto Justiça para Todos	32
Valsassina School Public Speaking Competition	34
Hidden curriculum and social networking: The views of a 10 th grade class	37
Laboratório do 1.º ciclo	38
Estudo de polimorfismos em RASGRF1 associado à miopia numa população de jovens portugueses entre os 15 e os 18 anos	40
Praia de Almogrove: O presente é a chave do passado...	41
Exames Nacionais 2017	42
Valsassina mantém sucesso nos Rankings do Ensino Secundário	43
Quadro de Honra 1.º P 2017/2018	44
Colégio em Ação	46
Aconteceu...	48
Aconteceu no desporto...	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor **João Valsassina Heitor**
Diretor Editorial **João Gomes**
Paginação e Impressão **idg · Imagem Digital Gráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem 1600 exemplares

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas,
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

O Colégio Valsassina foi fundado com o propósito de não limitar a educação ao ensino mas complementá-lo pelos conhecimentos da vida nos seus múltiplos aspetos, beneficiando de um espírito de família que passou dos fundadores para toda a comunidade educativa.

Este é um dos pilares dos “Aspetos Básicos da Identidade” do Colégio Valsassina, tal como consta do Projeto Educativo.

Nestes 120 de história do Colégio a sociedade mudou muito. O mundo, tal como o conhecemos, está a passar por mudanças ímpares, que afetam todas as dimensões da vida em sociedade. Por isso, é ainda mais importante preparar os nossos alunos para desenvolverem a capacidade para analisar problemas complexos sob diferentes óticas, procurar explicações para os fenómenos naturais e sociais, contribuindo desta forma para uma sociedade cujos membros detenham uma visão racional do mundo e tenham uma predisposição para pensar criticamente. Por outras palavras, é fundamental que os alunos, no futuro, sejam capazes de se adaptar e de trabalhar de forma colaborativa, demonstrando inteligência emocional e criatividade.

Esta edição da Gazeta Valsassina é dedicada ao Currículo oculto. Para além das aprendizagens relacionadas com os conteúdos disciplinares, nas várias atividades (a nível curricular ou extra curricular) desenvolvidas no Colégio Valsassina procuramos promover a aquisição e o desenvolvimento de competências transversais e interpessoais. Como?

Através da leitura e exploração de histórias, em Filosofia para Crianças ou em Português; organizando e participando em campanhas sociais; apresentando discursos em Inglês perante a comunidade escolar; desenvolvendo investigações de caráter científico; procurando respostas para um determinado problema; desafiando os limites ou a timidez através do teatro; trabalhando de forma cooperativa e colaborativa; participando em debates sobre liberdades e os direitos humanos, dentro e fora do Colégio; dinamizando projetos interdisciplinares e extracurriculares que desenvolvem o trabalho de grupo e a tolerância.

Estas experiências educativas não se relacionam apenas com a dimensão académica, mas também com a dimensão humana, onde são promovidos valores que ficam para toda a vida.

São vários os exemplos que apresentamos nesta edição da Gazeta, onde os alunos desenvolvem competências interpessoais aliadas às “competências técnicas”. Estas últimas, por si só já não são suficientes para que, no futuro, os nossos alunos sejam, efetivamente, competentes na sociedade.

Por outras palavras, hoje, como desde sempre, procuramos no Colégio Valsassina promover uma educação globalizante.

EM DESTAQUE

Adaptabilidade: a chave para o Futuro!

Nuno Simões Human Capital Coordinator na PwC Portugal, Cabo Verde e Angola



“... top 5 das competências (...) mais importantes no futuro: a adaptabilidade, a resolução de problemas, a colaboração, a inteligência emocional e a criatividade & inovação...”

Numa altura em que falamos cada vez mais do impacto que a Inteligência Artificial e todas as evoluções tecnológicas terão no mercado de trabalho e na forma como todos nós iremos acompanhar e vivenciar essas mudanças, como poderemos nós pais, educadores, estudantes e profissionais preparar as próximas gerações - a futura Força de Trabalho - para enfrentarem da melhor forma os desafios ainda desconhecidos que temos pela frente?

Com base no estudo realizado pela PwC “*Workforce of the future: The competing forces shaping 2030*”, o top 5 das competências votadas pelos participantes como sendo as mais importantes no futuro foram: a adaptabilidade, a resolução de problemas, a colaboração, a inteligência emocional e a criatividade & inovação. Segundo o mesmo estudo, **a adaptabilidade será a competência chave no futuro, quer na vertente organizacional, individual e social.**

Tendo em conta a volatilidade do mundo atual torna-se difícil ou mesmo impossível conseguir prever de forma exata quais as competências necessárias e essenciais daqui a 5 ou 10 anos. Caberá no futuro, a cada um de nós, adaptar-nos às mudanças organizacionais e sociais, o que implicará uma maior responsabilidade individual e a necessidade de adquirirmos ao longo do percurso profissional, novos conhecimentos, experiências bem como a realização de novas tarefas e até equacionar mudanças de carreira.

Desta forma, fomentar e garantir a aprendizagem de competências técnicas (*Hard Skills*) é fundamental. Estas competências estão normalmente associadas ao ensino, à aprendizagem em sala e à formação em posto de trabalho nas empresas. Com estas competências conseguimos evoluir no nosso percurso académico, aprender línguas ou, por exemplo, aprender programação. São normalmente as primeiras competências que colocamos no nosso Curriculum Vitae sendo mensuráveis e podendo ser validadas e comparadas. Estamos a falar por exemplo da obtenção de um grau académico em determinada área, o nível de proficiência numa língua, o conhecimento de aplicações informáticas e a experiência profissional.

Contudo as *Hard Skills* por si só não são suficientes. Há que acompanhar e estimular as competências interpessoais (*Soft Skills*). Estas competências estão associadas a traços de personalidade e à forma como nos relacionamos com os outros. Como exemplos destas competências temos: o trabalho em equipa, a comunicação, resolução de problemas, ética, empatia, liderança entre muitos outros. As competências interpessoais podem ser estimuladas e adquiridas, desde cedo, em casa e na escola. Por exemplo, na comunicação e no trabalho em equipa, se em contexto escolar forem fomentados trabalhos de grupo e apresentações de trabalhos finais aos colegas e ao professor, estaremos a possibilitar e a potenciar experiências que darão confiança a esta futura Força de Trabalho para que, em con-

**“... A diferenciação
será muitas
vezes feita pelas
competências
interpessoais
demonstradas: a
forma como nos
relacionamos,
como resolvemos
problemas, como
lidamos com
obstáculos, ou
seja, a forma como
colocamos em
prática as *Soft Skills*
no dia-a-dia.”**

**“... a adaptabilidade
será
a competência chave
no futuro, quer
na vertente
organizacional,
individual e social”**

texto profissional, se sintam e ajam confiantes nas suas capacidades, encarando os desafios com naturalidade, como por exemplo numa fase de recrutamento que inclua dinâmicas de grupo, onde seja necessário interagir ou colaborar com outros pares.

No mercado de trabalho as *Soft Skills* são muito valorizadas, sobretudo se tivermos em conta que num processo de seleção as empresas poderão ter candidatos com competências técnicas muito similares, a mesma licenciatura ou mestrado, mesma média final ou os mesmos conhecimentos linguísticos. A diferenciação será muitas vezes feita pelas competências interpessoais demonstradas: a forma como nos relacionamos, como resolvemos problemas, como lidamos com obstáculos, ou seja, a forma como colocamos em prática as *Soft Skills* no dia-a-dia.

Existem empresas que em diversas situações, poderão inclusive valorizar mais as competências interpessoais do que algumas competências técnicas, assumindo o pressuposto que estas últimas serão mais fáceis de ensinar posteriormente ao novo colaborador.

Podemos concluir que os dois tipos de competências são importantes e complementares. Ao serem trabalhadas e valorizadas em conjunto, quer pelas instituições de ensino desde uma fase inicial das nossas vidas, quer pelas organizações quando iniciamos o nosso percurso profissional, permitem que cada um possa desenvolver e potenciar o seu autoconhecimento e a sua individualidade. Individualidade essa, que poderá fazer a diferença no mercado de trabalho quer seja no momento da primeira entrevista ou no desenvolvimento da carreira.

No futuro, a maneira como iremos trabalhar vai mudar. Isso é já uma realidade. Como realmente será, neste momento é impossível definir com certeza. Quem melhor conseguir antecipar e preparar-se para as mudanças adaptando-se a novos cenários, estará certamente melhor posicionado para ser bem-sucedido e tomar as melhores opções para si mesmo!



EM DESTAQUE

Os millennials gostam dos seus currícula?

Jorge Magalhães Vieira Antigo aluno, Encarregado de educação, Relationship Manager na Área Internacional da CGD

Tem sido largamente debatido na sociedade portuguesa o desprendimento que os millennials (geração que tem agora entre 20 e 30 anos aproximadamente) têm em relação aos bens materiais, aos empregos para a vida, à rutura com o estilo de vida e valores socio/económico/culturais dos seus pais e avós.

Começa agora, também, a ser levantada a questão da adequação dos currícula às novas gerações, infelizmente ainda mais pelos desenvolvimentos tecnológicos que pelas necessidades/apetências dos estudantes.

“... os educadores, em casa ou na escola, devem cada vez mais ter um papel ativo e interventivo no sentido de apresentar uma oferta, o mais diversificada possível, que vise colmatar as novas necessidades que todos os dias se apresentam às crianças, jovens e jovens adultos”

Se em relação aos millennials já não há hipótese de intervenção curricular que os afete, em relação às gerações mosaico (que tem agora entre 12 e 18 anos aproximadamente) e subsequentes, muito se poderia fazer! Contudo, é claro que os processos de mudança curricular são morosos e a sua aplicabilidade direta, muito difícil.

De há cerca de duas décadas a esta parte, os pais, quer por iniciativa própria quer por indicação das escolas - através dos programas de ocupação de tempos livres - têm demonstrado preocupação em enriquecer o percurso escolar dos seus educandos com atividades extracurriculares. Inclusivamente, nos últimos anos, tem sido questionado em vários fóruns se não se estaria a sobrecarregar os alunos, retirando o saudável tempo para brincadeiras e descanso.

Face à insatisfação, e novas necessidades das mais recentes gerações, à resposta escolar e à iniciativa dos pais, qual será o melhor caminho a seguir?

A “Aquisição de Mundo” pelas experiências de viagens, conhecimento de outras línguas e culturas, visitas a museus, cinema, teatro e artes em geral, perceção de realidades socioculturais diferentes da do seio familiar e círculo de amigos é, desde há muito, uma inestimável mais-valia no percurso de vida de qualquer pessoa em qualquer idade. No entanto, atualmente, face a profissões como blogger (de moda, viagens, ...) ou youtuber, app designer e tudo que encerra inovação em tecnologia ou desenho de experiências a mais-valia torna-se requisito e o desenvolvimento pessoal e profissional assentam, muitas vezes, na diferenciação proporcionada pelo Currículo Oculto.

Nesta perspetiva, os educadores, em casa ou na escola, devem cada vez mais ter um papel ativo e interventivo no sentido de apresentar uma oferta, o mais diversificada possível, que vise colmatar as novas necessidades que todos os dias se apresentam às crianças, jovens e jovens adultos. As visitas “tradicionais” já mencionadas, assistir a conferências inclusivas como “Educar para o Direito” - que visita várias escolas - ou “Toxicoddependência” da Comunidade Vida e Paz, visitar a Web Summit, assistir a documentários/palestras sobre o clima, a sensibilização para alinhar desenvolvimento, evolução e fatores humanos e sociais, entre tantos outros, cada vez mais enformam e constroem o Currículo “Paralelo” ou “Oculto” que ajudará a uma integração plena das novas gerações.

A aposta neste currículo deve ser tanto maior quanto maior for o distanciamento aos grandes centros urbanos ou aos níveis socioculturais (e não necessariamente económicos) mais desfavorecidos da sociedade, para uma redução mais significativa dos gaps de integração na nova realidade educativa.



Currículo oculto e os desafios

Rute Teixeira Coach infantil

Os desafios são o maior e mais eficaz mecanismo de evolução. Evolução individual, evolução de uma turma, evolução de uma família, uma empresa, uma cidade, um país. Em última análise da Humanidade e do Cosmos.



Ilustração de Sandra Abafa

Os desafios são sempre uma situação que não está materializada, solucionada ou demonstrada ao nível físico, emocional ou mental. Na realidade a solução está lá em potencial, mas não está descoberta por nós ao ponto de servir de alavanca do nosso crescimento...da nossa evolução. É um pouco como a eletricidade. Invisível, da qual podemos estar mais ou menos conscientes, e aproveitar mais ou menos em função das ferramentas que desenvolvemos nesse sentido. Assim é com os desafios- eles já estão solucionados em potencial, esse crescimento existe em potencial. Não está é ainda incorporado, demonstrado. E precisamos de encontrar nos nossos recursos internos, nas nossas “ferramentas” forma de os superar.

Estes desafios para as crianças podem por vezes ser elementos de stress, desânimo, desmotivação. Existem os desafios académicos-exercícios, testes, ensaios, perguntas instrumento usado para que realizem, consolidem e demonstrem, as conquistas e crescimento que fizeram no que toca ao conhecimento e sua aplicação; os desafios emocionais (diferentes para cada idade) que lhes permitem, conhecer-se, tomar consciência do leque de emoções que podem viver juntamente com os “botões” que os despoletam e que determinam em parte a forma como se veem e como interagem com os outros e com o ambiente. E os desafios mentais, intelectuais - solução de problemas, obstáculos, tomada de decisões, interpretação do mundo - que lhes permitem “navegar” na vida.

Como guias que somos, como podemos ajudar as nossas crianças a superar com sucesso e de forma equilibrada estes desafios?

“Os desafios são algo implícito à vida, positivo e uma ferramenta de aprendizagem e crescimento.”

Sobretudo ajudando-as a compreenderem o papel desta ferramenta natural ou fabricada (por nós). Os desafios são algo implícito à vida, positivo e uma ferramenta de aprendizagem e crescimento. Os desafios não são uma injustiça, um castigo, um ataque do qual se precisam de defender. Podemos ajudá-las ensinando-lhes a amar este processo, amar o crescimento- o chegar à melhor versão de si próprias. Ensinando-as a ser curiosas sobretudo com o que se passa dentro delas e observarem o que acontece no seu mundo, sem julgamento nem culpa. Apenas observar e questionar na alegria da descoberta: “O que posso eu fazer para conquistar este desafio?”; “Que ações/comportamentos preciso de pôr em prática para conquistar este desafio?”.

Podemos também ser o exemplo desta forma de estar e ver a vida. Porque eles modelam os adultos de referência, e mais do que o que nós dizemos, eles seguem o que nós fazemos. Ao fazermos esta transformação em nós, no sentido de sermos mais e melhor, damos um grande passo para que eles, a geração deles, seja mais e melhor.

Se conseguirmos que esta forma de encarar os desafios passe a ser automática para eles a cada momento, apoiamos as nossas crianças de forma muito simples a serem mais inteiras e mais felizes!

EM DESTAQUE **A sala de aula como sementeira**

Cláudia Viana Professora de Filosofia com Crianças



Ao viabilizar o processo de ensino e aprendizagem, o currículo é o elemento central de um projeto educativo. Formalmente, o currículo pode ser definido pelas diretrizes, objetivos, conteúdos e atividades que compõem as suas disciplinas. Mas tal visão é, de certo, redutora. Na sua essência, o currículo tem uma componente oculta: as percepções, os valores, as atitudes e os comportamentos que influenciam e vigoram na aprendizagem diária dos alunos e no trabalho dos professores.

Com esta visão global, a Filosofia com Crianças – projeto educativo desenhada por Matthew Lipman, sob a influência do socioconstrutivismo de Lev Vygotsky e da educação progressiva em ambiente cooperativo e democrático de John Dewey – ao ter como eixo central do seu currículo o conceito de *comunidade de investigação* dialógica e cooperativa, entende a sala de aula como um microcosmo de aprendizagem pela investigação e criação de significados e, com igual importância, de aprendizagem da vivência democrática, núcleo que tanto representa como antecipa o macrocosmo sociedade, enquanto conjunto de comunidades participativas. Equacionando o pensar (melhor), o agir, o conviver e o ser, a sala de aula é, por outras palavras, a “sementeira da sociedade como um todo” (Lipman, 1995).



Desenho realizado pelo aluno **Henrique Ferreira** (3.º ano).

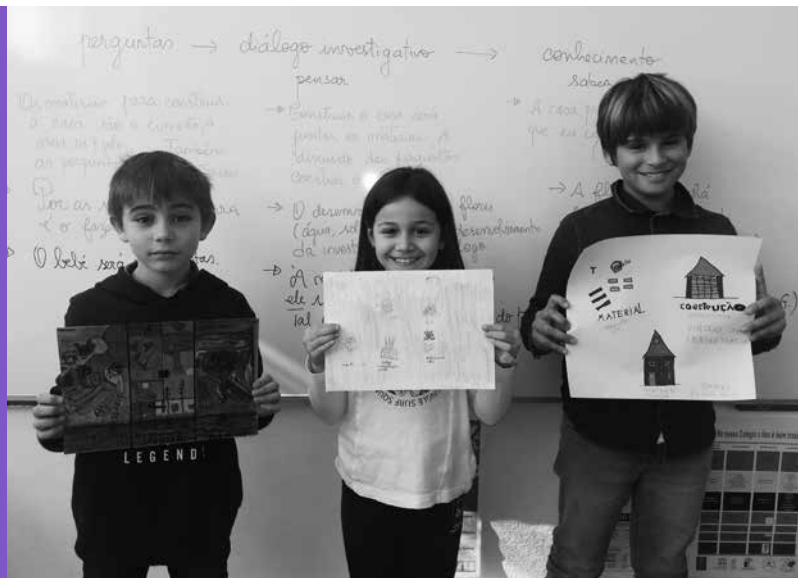
A analogia foi pensada em sala de aula pelo aluno. Posteriormente, o interesse suscitado pelo tema levou o aluno, já em casa e com a colaboração da avó, a realizar este trabalho ilustrativo.

Nas rotinas de aula, a comunidade ensaia a partilha da leitura da história e o que esta implica: o levantamento, seleção e organização de questões e temas a investigar, e a interpretação e criação de significados e de sentidos de experiência, que é comum. Concomitantemente desenvolve-se a capacidade de usar essa leitura como forma de adquirir e processar conhecimentos, desenvolver as próprias potencialidades e participar ativamente na sociedade (literacia).

Nas rotinas de aula, encontram-se e colocam-se ao serviço do grupo liberdades de pensar, criar, expressar, escolher e agir. Envolvem-se perspetivas, sem qualquer relação autoritária nem pontos de vista desiguais em valor. Levam-se em conta regras que exigem consideração pelo pensar e ser diferente e igualdade de condições de participação: escutar, falar na sua vez, ser capaz de se colocar na perspetiva do outro, ser sensível à dimensão afetiva, ser aberto e honesto intelectualmente, cultivar sentimentos de convivência na comunidade, cooperar com o grupo ou interessar-se por objetivos comuns. Estas habilidades sociais ou aspectos atitudinais, para usar a terminologia lipmaniana, exercitam o saber conviver e ser. A sua função é formar hábitos de conduta e de aprendizagem de valores e normas.

Uma vez que na escola também se aprende a construir a realidade e a ser, e que a comunidade de investigação, entre outras, é um encontro de pessoas, obviamente são necessários os aspectos conceptuais, que permitem aprender a operar com símbolos, ideias e representações que compreendem e organizam a realidade, mas são igualmente necessários os aspetos atitudinais para a formação do carácter, da consciência moral e cívica e da “racionalidade social” (Lipman, 1990). Descobrimo a própria singularidade e a dos outros, aprendendo a valorizar a sua e as demais, pelo diálogo cultivam-se condições para o pensar e agir éticos e cívicos de forma autónoma, crítica, criativa e autocorretiva.

Assim compreende a Filosofia com Crianças a sala de aula: uma sementeira de construção de significados e sentidos de experiência, e de convívio, de ser e estar em (grande) comunidade.



Analogias do saber: a sementeira e a construção de uma casa Henrique, Maria e Gustavo, 3.º ano.

Transcrição não literal de um diálogo do 2.º ano:

[...]

Carlos – O ponto de interrogação é um sinal do pensar.

Rita – A pergunta serve para descobrir, saber.

Gabriela – Para descobrir a resposta, temos de pensar.

Luca – Eu sei a resposta se adivinhar.

Gabriela – Eu não acho. Você não sabe a resposta se adivinhar. Pensa assim: como é que você pode saber quanto é 334 a dividir por 3? Sem pensar? Você só sabe a resposta se pensar.

Luca – Mas eu posso adivinhar e acertar.

Gabriela – Mas assim você não sabe. Para saber tem de pensar, tem de fazer a conta.

Luca – Mas se adivinhar, eu sei a resposta.

Gabriela – Até pode acertar, mas não sabe. Não vai saber dizer como chegou à resposta.

Luca – Ah, já percebi! Eu não descobri a resposta. Foi sorte.

Gabriela – Sim, você acertou por sorte, não descobriu porque foi sem pensar.

Professora – Então, Gabriela, para ti, descobrir uma resposta é diferente de adivinhar uma resposta?

Gabriela – Sim.

Professora – E só se sabe uma resposta se descobrirmos, se pensarmos?

Gabriela – Sim. Tem de pensar para descobrir a resposta. E só assim você sabe.

Professora – E os colegas concordam com a Gabriela?

[...]

Opinião dos Alunos

“Nos diálogos aprendemos a dar atenção às perguntas e ideias dos outros, a perceber os nossos erros e a resolver os nossos problemas e os do grupo. Aprendemos a crescer.”

Cathy, João e Alexandre 4.º ano

EM DESTAQUE **Ensinar é trabalhar o invisível**

Joana Baião Professora de Português

**“E, no desembarcar, há aves, flores
Onde era só de longe a abstrata linha”**

Fernando Pessoa



Trabalho de Pedro Machado 7.ºA

Se nos deixarmos levar até às definições de “oculto” que nos fornece o dicionário da Porto Editora ficaremos a saber que “oculto” poderá ser: 1. *Aquilo que está subtraído à vista, escondido, encoberto*; 2. *Aquilo que não é conhecido, que se ignora e* 3. *Aquilo que não se faz sentir, que apenas se conhece pelos seus efeitos*. Assim, falar do que será o currículo oculto que está presente nas nossas aulas ou como consequência delas é falar do que não se pode provar, imediata ou facilmente, que exista.

Por um lado, consideramos que muito daquilo que fazemos em sala de aula enquanto professores é *acreditar neste oculto*, para além de acreditar nas competências e nas destrezas visíveis e avaliáveis dos nossos alunos, temos em mente algo mais, esperamos mais deles e do que fazemos com eles. A falta desta crença levar-nos-ia à falta de ânimo, uma vez que, na realidade, muito pouco do que fazemos tem um efeito imediato. Tal como a plantação de um “feijão mágico”, ajudar os alunos a ser mais ou além é um exercício de espera(nça) e de confiança de que fizemos algumas coisas de forma acertada: regar várias vezes, respeitar os tempos, cuidar intervindo, e, às vezes, cuidar sem intervir, deixando que os caminhos naturais se sigam também por si. E confiar que, algures, algo está a germinar.

No entanto, acreditar “[n]aquilo que apenas se conhece pelos seus efeitos” acarreta a vertigem e a teimosia de investir trabalho e dedicação, sabendo que levará tempo até recebermos algum retorno do que realizámos, sabendo até que, algumas vezes, não receberemos qualquer retorno. Porém, este investimento de resultados inesperados é ele próprio entusiasmante. Por exemplo, abraçar projetos que nos levem a sair das normais linhas de raciocínio e de escrita, que nos permitam pensar de outra forma, é um desafio que pode acrescentar-nos mundo, que pode aumentar a nossa visão periférica.

O 7.º e o 8.º ano dedicaram-se a um desses projetos que consideramos diferenciadores: a produção de um Haiku. Escrever *poesia contemplativa*, que valorize a natureza, as cores, as estações do ano, os contrastes e as surpresas não é um desafio diário. Tentar fazê-lo em três versos, tentando respeitar a métrica, e ainda ter de ilustrá-lo é realmente uma provocação à nossa imaginação e à capacidade de nos superarmos.

Outros exemplos seriam, de semelhante modo, esclarecedores quanto a um trabalho que pretende fazer dos alunos cidadãos mais participativos e conscientes, leitores mais sensíveis do mundo que os rodeia: a leitura orientada por temas, no Secundário; debater as

“O livro é como um bilhete para todo o lado. Podemos ver o amor a acontecer num país e a poluição noutra num simples objeto e, através dele, mudar. (...) Com a leitura percebi o quão egoísta estava a ser quando ficava dez minutos no banho, quando não ligava ao facto de os carros serem poluentes e pedia ao meu pai para andarmos mais tempo de carro.”

Joana Rocha 7.ºA

“O livro A Lua de Joana abriu-me os olhos para algo que ocupa, com frequência, os nossos dias: a pressa. Com a pressa de viver e fazer, deixamos, muitas vezes, o importante para segundo plano - a família, o bem dos que nos rodeiam - dando conta disso quando a pressa nos fez perder um momento importante na vida do nosso irmão, do nosso amigo, etc.”

Inês Paixão 7.ºA

“A literatura é um mar infinito. Faz-nos pensar no que podemos fazer para não sermos só mais umas pessoas no mundo. Às vezes, altera-nos, outras vezes não. Mas se o livro for bem escolhido, faz-nos sempre bem.”

Laura Mendes 7.ºA



Trabalho de **Guilherme David** 7.ºA

“A visão que a sociedade atual tem sobre o mundo pode ser alterada através da literatura e não só. A literatura, a música, o cinema e muitas outras artes podem influenciar a nossa maneira de pensar, pois, para obter opiniões, é necessário conhecer e, assim, podemos relacionar as nossas opiniões com o que nos transmite um livro. Quando nos apercebemos de algo novo e ficamos mais sábios em relação a esse aspeto, podemos alterar a nossa opinião e a nossa visão do mundo, até mesmo pensarmos em soluções para resolver certos problemas”.

Pedro Machado 7.ºA

questões de género a partir de Gil Vicente; a (re)descoberta da música portuguesa no Ensino Básico; pensar o Amor com Camões e com Os Azeitonas; investigar os problemas ambientais no 7.º ano a propósito de uma gaivota que não podia voar.

Ao pensar sobre tudo o que demora a manifestar-se enquanto consequência e enquanto consciência, parece-nos importante lembrar que há muito a literatura chama a atenção, de formas tão diferentes, para o valor das coisas que não se veem, mas se revelam essenciais: **aprendemos, por exemplo, que “o essencial é invisível para os olhos” e alimenta-se de afetos, como nos explicou o Príncipezinho, e aprendemos ainda, com Pessoa, que, para encontrar aves e flores no desembarque, é necessário acreditar naquele vislumbre de uma pequena e abstrata linha.**



Trabalho de **João Araújo** 8.ºB

A propósito da discussão do tema “A literatura muda a nossa visão do mundo?”, comemoração da Semana da Leitura 2018 (5 a 9 de março de 2018)

“Vêm-me à cabeça as causas por que muitos ambientalistas lutam e, em vez de deitar os objetos que ia deitar ao chão, saio da minha zona de conforto e vou ao caixote do lixo mais próximo. Nas aulas de português [aquando da leitura da obra História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar], estivemos a ver algumas associações ambientalistas e percebi que há pessoas dispostas a morrer pelas causas do ambiente... darei mais atenção ao ambiente.”

Alexandre Pinto 7.ºA

EM DESTAQUE **Vozes do currículo oculto**

Cláudia Viana Professora de Filosofia, e Paulo Victória, Professor de EMRC

“Se a escola procura desenvolver as capacidades e habilidades dos alunos de forma holística, mais do que saber conteúdos, importa saber ser.”

Entenda-se por currículo o caminho a percorrer pelos alunos ao longo da sua escolaridade. Este desenvolve-se desde o estipulado pelos documentos e diretrizes da instituição às influências valorativas, atitudinais e comportamentais de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Mas qual deverá ser o papel do currículo? Perpetuar o status quo ou melhorar a sociedade? De que forma são transmitidas as mensagens por parte da escola, do seu projeto educativo, e por parte dos professores e funcionários? Que impacto terá este na vida dos alunos e, conseqüentemente, na sociedade?

Se a escola procura desenvolver as capacidades e habilidades dos alunos de forma holística, mais do que saber conteúdos, importa saber ser. E este currículo oculto manifesta-se nas mais variadas disciplinas e formas. Quer numa aula de Filosofia,

Cidadania, EMRC, ou numa aula de História, Línguas, Ciências ou Expressões; quer num diálogo ou na ajuda prestada por um auxiliar da ação educativa; valores, atitudes e formação moral e cívica estão presentes no processo de socialização.

Os valores e as atitudes do Natal, por exemplo, podem ser partilhados numa aula de EMRC ou a partir de um texto de Português. Um “bom dia” como o do Sr. António Luzio ou os “bons dias” cantados no acolhimento do Jardim de Infância ou do 1.º Ciclo podem contribuir para as boas maneiras. A cooperação do Sr. Luís Cássio no concerto de Natal ou a consideração pelos mais velhos no mini concerto, dado pelo Coro Infantil do Valsassina, no Centro de Dia de Santa Clara, são vozes do currículo oculto.

Podemos ainda ver este currículo em outras atividades desenvolvidas pelos nossos alunos e restante comunidade educativa, como as campanhas para o Banco Alimentar ou o apoio escolar no Centro de Informação Juvenil (CIJ) do Centro Social e Paroquial São Maximiliano Kolbe (CSPMK).

Nada disto aparece em documentos oficiais mas é bem real. E espera-se que perpetue na vida dos nossos alunos, em prol de uma sociedade mais equitativa e justa.



Coro infantil: concerto no Centro de Dia de Santa Clara.



Entrega de produtos a uma ONG da comunidade local na sequência de uma campanha do Jardim de Infância.





Gostei muito de cantar para os “avozinhos do lar”! Eles ficaram felizes!

Leonor 1.º ano, aluna do coro infantil

Gostei muito de ir ao Banco Alimentar porque é giro ajudar as pessoas. Estou à espera de voltar em maio!

Francisco 2.º ano, voluntário no Banco Alimentar Júnior

Quando vou ao Banco Alimentar, sinto, não só um prazer imenso de conseguir, de uma maneira divertida, ajudar quem mais precisa, como também uma grande felicidade ao ver a animação e o esforço com que inúmeras pessoas se juntam por uma boa causa.

Maria Helena 11.º Ano, voluntária no Banco Alimentar e noutras campanhas

Sinto felicidade em ajudar. É uma coisa que gosto muito de fazer. É bom para eles e para mim.

Inês 9.º ano, voluntária no 1.º Ciclo no CPSMK

Tento inculir, nestes miúdos, valores como ajudar o próximo ou partilhar as coisas que se têm e que se sabe. São valores que estão a perder-se.”

Jú Gomes Ferreira Professora do Colégio e voluntária no 1.º Ciclo do CPSMK

Para mim, ter aqui outros jovens que não são do CIJ é muito importante, pois, para além de nos ajudarem, falam connosco e construímos uma amizade, por vezes, para a vida toda.

Ana Margarida 14 anos, jovem do CIJ

O voluntariado é importante: aprendemos a sair de nós próprios e oferecemos o nosso tempo e capacidades em prol de quem precisa. Ser voluntário é uma maneira bonita de amar: damos sem esperar nada em troca, que não seja o bem pessoal de quem ajudamos.

Vera Assistente de serviço social do CIJ



Estendal dos afetos

O Grupo Comunitário da Flamenega (Freguesia de Marvila) desafiou o Colégio Valsassina a participar numa ação de cidadania denominada “O Estendal dos Afetos”.

Aceite o convite, os nossos alunos do 4.º ano e do 2.ª ciclo puseram mãos à

obra, nas aulas de Expressão Plástica, de Educação Visual e de Português, e fizeram lindos postais coloridos, em forma de coração, num total de 168, com textos inspiradores sobre os afetos.

No dia 21 de fevereiro, um enorme estendal com corações, portadores de belas mensagens, estendeu-se no Bairro da Flamenega.

Um dos pontos foi numa das ruas de acesso ao Colégio (na confluência das ruas João Palma Ferreira e Ferreira de Castro), junto de um quiosque, e vai unir-se à Escola Básica Luísa Neto. Convidam-se os transeuntes a retirar um coração e, se quiserem, deixar outro, com uma mensagem, para tal foram distribuídas cartolinas e marcadores.



EM DESTAQUE

Trabalho de projeto ou *hard skills* vs *soft skills*

Andreia Luz e João Gomes Professores de Ciências Naturais e Biologia



Investigar problemas de poluição na Nazaré ou em Aljustrel. Estudar espécies protegidas em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês. Procurar uma solução para um problema de contaminação ambiental. Desenvolver um creme desinfetante à base de bacteriófagos. Estudar o nível de contaminação por mercúrio numa população de jovens portugueses.

Estes são apenas alguns exemplos de projetos de investigação científica que foram desenvolvidos por alunos do ensino secundário nos últimos anos, nas disciplinas de Biologia e Geologia 12.º ano.

A opção em recorrer ao trabalho de projeto é, acima de tudo, uma aposta numa metodologia investigativa centrada na resolução de problemas pertinentes e reais, realizáveis (em função do tempo e dos recursos) e com ligação à sociedade na qual os alunos se inserem.

Esta metodologia, permite criar uma relação estreita entre a prática e a teoria, entre os saberes escolares e os saberes sociais. O tema, considerado oportuno e de interesse para os alunos, permitirá cumprir a intencionalidade do estudo e preconizar aprendizagens significativas, ativas e socializadoras. Esta metodologia de trabalho está também relacionada com uma visão interdisciplinar e transdisciplinar do saber.

Todo o trabalho começa pela identificação e formulação de um problema ou questão-inicial. É preciso estar atento ao “mundo” que rodeia os alunos e tomar decisões. É o ponto de partida para um caminho, cujo percurso os alunos nem sempre sabem onde vai dar!

Segundo Barbier (1991 in Mateus, 2011) a metodologia de trabalho de projeto caracteriza-se por ser desenvolvida em equipa, com pesquisa no terreno, por dinamizar a relação teoria e prática e aprender, num processo aberto, produzir conhecimentos sobre os temas em estudo ou intervir sobre os problemas identificados. Todo o desenvolvimento parte de uma planificação flexível e passível de ser alterada segundo as necessidades do projeto. Na teoria, integra conhecimentos adquiridos e desencadeia a aquisição de novos conhecimentos e experiências, na prática humaniza-se e socializa-se o saber.

Ao longo do trabalho, a turma está dividida em pequenos grupos, o que potencia o trabalho cooperativo. Por sua vez, durante o desenvolvimento do projeto, cada grupo vai decompor-se em pequenas unidades com poder de decisão e de execução. Esta organização do trabalho implica uma relação de complementaridade entre os grupos de trabalho e os elementos de cada grupo. Não podem todos fazer a mesma coisa e cada um deve trazer contributos para a solução do problema comum.

Deste modo, cada aluno constrói o seu próprio saber, tem um papel ativo, projeta-se para o futuro, torna-se mais exigente em relação a si, aos outros e à realidade envolvente, torna-se um cidadão ativo.

Este processo é particularmente relevante perante clima de incerteza e de instabilidade que se vive atualmente. O mundo tal como o conhecemos está a passar por mudanças ímpares, que afetam todas as dimensões da vida em sociedade. Neste mundo em constante



mudança, a qualificação profissional e o desenvolvimento de competências, assumem um caráter central para fazer face a estes desafios. É crucial educar os cidadãos no sentido de desenvolverem a capacidade para analisar problemas complexos sob diferentes óticas, procurar explicações para os fenómenos naturais e sociais, construindo uma sociedade cujos membros detenham uma visão racional do mundo e tenham uma predisposição para pensar criticamente (Lopes, 2014).

A abordagem ao trabalho de projeto confere um grande sentido e significado às aprendizagens, em virtude da sua dimensão interventiva e focada na realidade. Durante todo o processo os alunos

aprendem conteúdos disciplinares (*hard skills*).

Em complemento, **todo o processo encerra em si um currículo oculto de elevada relevância: os alunos, ao mesmo tempo que aceitam o desafio de identificarem e resolverem problemas na comunidade educativa e/ou na comunidade local (ou até a nível nacional), desenvolvem e treinam competências transversais (*soft skills*).**

Estas competências são comuns a várias atividades, por serem transferíveis de função para função e por englobarem as capacidades de gerir os recursos individuais, de relacionamento interpessoal e de desempenho de funções profissionais (Jardim e Pereira, 2006).

Entre as *soft skills* que são desenvolvidas neste processo, destacamos (testemunhos de alunos do 12.º 1A, os quais envolvem-se ativamente em projetos desde o 10.º ano de escolaridade):

- o autoconhecimento e a autoaprendizagem (Afonso Mota; Francisco Alves; Carolina Gomes; Margarida Rios; Beatriz Bernardo);
- a resolução de problemas (Bernardo Alves; Afonso Mota; André Serra; Bruno Lima; Francisco Alves; Carolina Gomes; Margarida Rios);
- a inovação/criatividade (Bernardo Alves; André Serra; Bruno Lima; Beatriz Bernardo);
- a liderança (Bruno Lima);
- a gestão do stress (Bernardo Alves; Afonso Mota; André Serra);
- a persistência (Bernardo Alves; Afonso Mota; André Serra; Francisco Alves; Carolina Gomes; Margarida Rios; Beatriz Bernardo);
- a cooperação e o relacionamento interpessoal (Bernardo Alves; Afonso Mota; Bruno Lima; Francisco Alves; Carolina Gomes; Margarida Rios; Beatriz Bernardo);
- a assertividade e a tomada de decisão (Bernardo Alves; Afonso Mota; André Serra);
- o planeamento – ação (Bernardo Alves; Afonso Mota; André Serra; Bruno Lima; Carolina Gomes; Beatriz Bernardo);
- a gestão do tempo (Bernardo Alves; Afonso Mota; André Serra; Bruno Lima; Francisco Alves);
- a capacidade para ouvir e a gestão de conflitos (André Serra);
- a comunicação oral, a apresentação pública do trabalho (Bernardo Alves; Afonso Mota; Francisco Alves; Carolina Gomes; Margarida Rios);
- a adaptação à mudança (Bernardo Alves; Afonso Mota; André Serra; Bruno Lima).



Assim, atualmente, o processo de ensino-aprendizagem deve implicar a existência de interações muito fortes entre a escola, o meio e a sociedade, por forma a permitir a ocorrência de aprendizagens significativas e funcionais e o desenvolvimento de competências que “não se esgotam na dimensão cognitiva e, muito menos, na aquisição de informações” (Leite, 2000 *in* Lopes, 2014).

Isto é, tal como consta do Perfil dos alunos à saída do ensino secundário (2017): garantir que os nossos alunos, concluem a escolaridade obrigatória, com um conjunto de competências, entendidas como uma interligação entre conhecimentos, capacidades, atitudes e valores, que os torna aptos a investir permanentemente, ao longo da vida, na sua educação e a agir de forma livre, porque informada e consciente, perante os desafios sociais, económicos e tecnológicos do mundo atual.

EM DESTAQUE Ser pela Arte: educar e criar artistas

Paula Gonçalves e Patrícia Avões Professoras responsáveis pelo grupo de teatro



Os contextos de intervenção adequados, ou as melhorias que se podem introduzir no processo de ensino-aprendizagem, são um motivo de inquietação constante para os educadores.

Os currículos institucionais respondem às necessidades individuais de cada aluno? Como se pode promover a formação integral do aluno? Como fomentar valores que vão para além da parte didática e científica? A escola é um espaço onde podemos expressar-nos e ter liberdade criadora? Estas são algumas das questões que, no fundo, constituem a preocupação fundamental de quem trabalha em educação.

Neste contexto, o grupo de teatro do Colégio surge como um espaço primordial para proporcionar esta liberdade criadora, numa dimensão de criação, que não tem o objetivo de normalizar, mas de permitir aos alunos explorar as suas próprias potencialidades físicas, intelectuais e criativas, revelando a sua perceção interpretativa relativamente ao mundo que os rodeia. Ou seja, permite mostrar o que está oculto em nós e que não é evidente com o currículo institucional.

Para Saviani (1997), a educação deve direccionar-se “para a formação omnilateral, quer dizer, em todas as direções do ser humano” (citado por Japiassu, 2009). Já para Read (1982), “o objetivo da

educação é a criação de artistas – de pessoas eficientes nos vários modos de expressão”. Assim, o teatro, no colégio, procura ser um meio impulsor do desenvolvimento social dos alunos – promovendo dinâmicas cooperativas, o trabalho em grupo e a reflexão – que remetem para valores de tolerância, respeito e solidariedade. Procura, igualmente, estimular a sua linguagem corporal, oral e escrita – uma vez que se propõe a elaboração de cenários mais complexos nas situações improvisadas durante as sessões – criando condições para que se repercuta, naturalmente, no seu desempenho nas outras áreas de estudo.

Inspirado em Singer e Singer (1990), citados por Papalia, Olds e Feldman (2001), que referem que **“através do teatro as crianças adquirem a compreensão do ponto de vista da outra pessoa, desenvolvem competências na resolução de problemas sociais, noções artísticas, estéticas e performativas e expressam criatividade”**, o grupo de teatro procura trabalhar sobre um modelo de desenvolvimento de competências pessoais, mas também profissionais e de interação com o outro.

Para além de um mundo de conhecimento, o teatro é também um universo da procura pela expressão individual e coletiva, transportando um valor social primordial nas relações humanas: a empatia pelo outro. (...) É uma componente essencial ao meu desenvolvimento sociocomunicativo, assim como um elemento imprescindível da minha cultura.

Ana Carolina Nunes 10.º3

O teatro permite que nos expressemos mais facilmente e que consigamos transmitir aos outros as nossas emoções com mais facilidade. Podemos não ter jeito para falar em público, ou para discutir as nossas ideias, mas o teatro ajuda a desenvolver essas habilidades, permitindo-nos crescer profissionalmente e como pessoas.

Díogo Canas 9.º A

Por último, temos ainda como propósito fomentar a importância cultural do teatro, como meio de promoção de uma educação artística, para que os alunos entendam que educação e cultura são dois termos indissociáveis.

Fazer teatro é uma experiência única. Sinto que é um sítio onde posso ser eu mesma e libertar-me. É um sítio que é meu e de várias pessoas ao mesmo tempo. (...) Ter um espaço, onde posso aprender a lidar com o stress, a trabalhar em grupo e a utilizar as técnicas necessárias para tal, é importante.

Catarina Baltazar 9.º A

“... o grupo de teatro do Colégio surge como um espaço primordial para proporcionar esta liberdade criadora...”

O teatro faz parte de mim. Eu não estaria completo se não representasse. A ação. A imaginação. A concentração. A descoberta. A descontração – tudo faz parte do teatro e isso sou eu! Hoje o Teatro faz parte da minha formação, amanhã fará parte de mim como ser humano e como profissional.

Rodrigo Osório de Castro 10.º 2



O teatro sempre foi uma paixão, um motivo de diversão na minha vida, mas a partir de uma certa altura começou a ser algo mais. Até que decidi entrar para as aulas de teatro e descobri um novo mundo, um mundo onde me sentia preenchida e em casa, era como se tivesse encontrado a minha própria definição de realização. O teatro encontrou-me, ele cresceu dentro de mim e ajudou-me a crescer dentro do mundo.

Madalena Cobra 9.º B

Bibliografia

Japiassu, R. (2009). *Metodologia do ensino de teatro*. Campinas: Papyrus Editora.

Read, H. (1982). *A educação pela arte*. Lisboa: edições 70.

Papalía, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill.

O Teatro já faz parte da minha semana. Às quintas-feiras, das 16h30m às 18h, tenho hora marcada com o Grupo de Teatro. Tenho a plena consciência que o Teatro me forneceu ao longo destes dois anos ferramentas e mecanismos para lidar com o stress, interagir com pessoas e conseguir libertar-me da pressão do dia-a-dia. (...) Atividades como o Teatro dão-nos o ar que precisamos para continuar o resto da semana.

Carolina Carreiro 9.º B

EM DESTAQUE **Ynari, a menina das cinco tranças**

Ana Paula Ferreira, Fátima Monteiro, Irene Costa Professoras do 4.º ano



“Uma história passada numa realidade física muito diferente da deles, que apela à sensibilidade, à comunicação, ao aprofundar de sentimentos e valores que deveriam estar subjacentes a qualquer povo...”

“Era uma vez uma menina que tinha cinco tranças lindas...”

Começa assim uma história de Amor pelos outros, de Respeito e descoberta da Magia, que existe em cada um de nós.

Palavras que surgem, palavras que fazemos desaparecer, palavras que inventamos,... sim porque “o nosso coração, quando precisa, sabe inventar palavras”.

E é de palavras e de pessoas, e do uso que cada um de nós faz das palavras, que estamos a falar.

Na sequência de um curso nacional de leitura a que alguns dos nossos alunos concorreram, surgiu esta história que resolvemos dar a conhecer a todos os alunos do 4.º ano. Uma história passada numa realidade física muito diferente da deles, que apela à sensibilidade, à comunicação, ao aprofundar de sentimentos e valores que deveriam estar subjacentes a qualquer povo, independentemente do local ou da cultura a que pertencem.

Entre as várias atividades realizadas, pediu-se que em pequenos grupos escrevessem outro final para esta história. Surgiram vários finais, mas a mensagem passou... “Há muitas maneiras de se ir longe. [...] Experimenta viajar no coração do humbi-humbi”.

O que pareceu aos alunos, mais interessante, nesta história:

- Mostra o sentido das palavras e da amizade. **Rita**
- Relação entre o tamanho real do coração e o que cabe lá dentro. **Alexandre**
- Todos temos um poder como a Ynari. Por isso, todos podemos acabar com as guerras. **Manuel**



Excertos de diferentes finais

“... A minha magia é concretizar os desejos das pessoas mais necessitadas. [...]”

Quando o povo chegou com uma flor na mão, Ynari encaminhou-os para o rio. Aí, Ynari pegou nas flores e atirou-as ao rio enquanto sussurrava as palavras carinho, amor, fé, paz e, claro, permuta.”

Inês, Rodrigo, Henrique e Cathy

[...] “- Acho que já sei porque me pediste para ir às aldeias. Agora sei que uma pessoa pode ajudar outras pessoas e essas, por sua vez, ajudarem outras – proferiu Ynari.

- Exatamente! – exclamou o homem pequenino.

Logo de seguida, Ynari sentiu uma estranha sensação no seu cabelo. Olhou para cima e viu que já tinha uma nova trança!

- Essa simboliza a bondade que tiveste pelos Homens – disse o homem pequenino.

E aí Ynari abraçou o homem pequenino e cada um viveu feliz para sempre.”

Carlos, Madalena, Mariana e Tomás



“... - Venham comigo.

- Fechem os olhos, eu vou fazer com que os pobres de todo o mundo sejam felizes e não passem fome.

- Um, dois, três! SEJAM FELIZES!

Ynari fez a sua magia e resultou na perfeição. Os pobres de todo o mundo já não eram pobres. Agora eram pessoas felizes como ela.”

Sara, Gonçalo, João e Maria



“...- Agora que já descobri a minha magia posso continuar a fazê-la por todas as aldeias. Sabes, homem pequeno, como o velho, muito velho inventa palavras, o meu coração também inventou uma agora “afeto”.”

Marta, Catarina, Ricardo e Vasco



EDUCAR PARA a criatividade e para o conhecimento do mundo que nos rodeia

O Mundo é a Nossa Casa

Ana Ribeiro Pereira, Maria Lucília Baptista, Inês Raimundo Educadoras das turmas de 4 anos

“O Mundo é a Nossa Casa”. Pretendemos com este tema, incentivar as crianças ao conhecimento do mundo que nos rodeia e do qual fazemos parte integrante, da importante relação que temos com todas as suas “preciosidades” e ainda encorajar para a sua proteção e perseveração.

Sendo a nossa casa, espaço físico familiar, onde são estabelecidos os limites entre nós e os outros, são transmitidos valores, práticas e percepções que fazem parte da nossa identidade e dos nossos elos de ligação, pensamos levar os nossos alunos à importância da casa de cada um. Com esse objetivo, as salas de 4 anos lançaram o desafio aos pais e alunos a construir a sua própria casa, sem modelos ou critérios, deixando a total liberdade de criatividade e imaginação. Este foi o primeiro passo para o projeto, dando seguimento a localização do nosso país no mundo e finalizar com o maior conhecimento da nossa cidade de Lisboa.

As casas construídas foram apresentadas por cada aluno aos colegas, com muito entusiasmo, com a explicação das diferentes divisões da casa e suas funções, o afeto do seu quarto e brinquedos preferidos, os objetos e pormenores mais significativos de cada casa.

Também o Colégio Valsassina é o nosso mundo próximo, local onde passamos muito tempo e onde são transmitidos valores, atributos, rituais e representações que influenciam o crescimento e desenvolvimento dos nossos alunos. Visitámos assim a casa-mãe da Escola e conhecemos a história que já vem de muito longe e onde hoje pertencemos.

Apresentamos imagens das diferentes construções e alguns testemunhos de pais e alunos:

Os meus pais e o meu irmão ajudaram-me a fazer a minha casa. A parte que gostei mais foi a cozinha! **João Santos**

Consegui fazer o meu quarto, com todos os meus brinquedos e a minha tenda. **Francisca**

Aprendi quais eram as divisões da minha casa. **Teresa Sotto-Mayor**
Fiz a minha cama, de cor de rosa, a minha cor preferida.

Carolina Gouveia

Na minha casa, coleí a minha fotografia e os meus peluches.

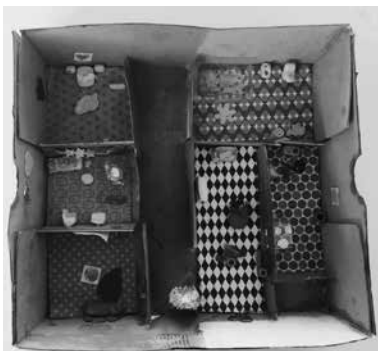
Pedro Vieira

Gostei muito de apresentar a casa e que eles me fizessem perguntas. Gostei muito de fazer a casa com o pai. **Marta Matos**

A minha casa é gira, bonita e muito alegre. Sempre quis ter uma casa assim. Adorei fazer a casa. Foi muito giro mostrar a casa aos amigos. **Sofia Pequito**

Construí a minha casa de legos com a mãe e a mana. Fizemos com as flores e transformou-se num restaurante-casa. Gostei de mostrar aos amigos. **Pedro Paiva**

A minha casa é gira. Gosto muito da árvore de natal. Gostei muito de mostrar a casa aos amigos. **Margarida Fernandes**





Gostei muito de fazer a casinha com a mãe e o pai. O campo de futebol, é onde eu gosto mais de estar.

Martim Dias

Gostei muito de fazer a casa com o pai, a mãe e a mana. Foi divertido. Maria

Valadas Preto

Fiz uma casa com rolhas e cola pegajosa. Demorou muito tempo porque tive de cortar muitas rolhas. Também foi feita de "caixa".

Manuel Ferreira

Foi uma experiência muito boa. A Maria João recortou todos os móveis para a casa e juntamente com o irmão mais velho, deram-lhes com a sua marca pessoal.

Numa manhã conseguimos trabalhar em equipa com uma "arquitecta" Maria João muito determinada e organizada. Foi a Maria João que escolheu tudo para a sua casa, e eu fiquei muito contente por ter participado nesta atividade com ela.

Pais da Maria João Sousa

Momento de partilha e cumplicidade, aprendizagem e possibilidade de explorar novos conceitos. Permitiu ajudar a desenvolver a criatividade e imaginação da nossa filha.

Pais da Clara Sousa

Fazer a "nossa casa" com o João Pedro foi uma experiência engraçada e divertida. Foi uma oportunidade de conviver, passar mais tempo juntos e partilhar ideias. Foi engraçado ver o resultado dos nossos esforços conjuntos e ver o resultado: "a nossa casa. **Pais do João Pedro Miguel**

Foi um momento de partilha e de união de toda a família. Pensámos (pais, António e irmãos) em conjunto sobre o significado da família próxima e alargada e sobre o nosso lugar no mundo.

O António sentiu-se muito importante e respeitado por ter um trabalho que nos envolvesse a todos.

Muito obrigado! **Pais do António Nunes**

No projecto a Casa, o ajudar o meu filho o Miguel foi um momento muito especial, foi o vislumbrar do nosso mundo através dos seus olhos. Uma janela à sua pessoa, às suas ideias e pensamento. Como apenas assistente eu Mãe proporcionei somente os alicerces e apoio para a construção, levando em linha de conta todas as directivas do Miguel. Uma partilha e experiência fabulosa de conhecer melhor o meu filhote." **Stephie Carvalho (Mãe)**

Representar a nossa casa foi um trabalho muito divertido e interessante. Primeiro porque foi um momento criativo em que estivemos juntas com tempo de qualidade. Depois porque percebi, que tenho muito para ensinar e coisas que podem ser muito simples e, que ela quer muito aprender. Finalmente, porque ambas nos orgulhámos muito do resultado final e festejámos o sucesso. **Maria Levy (Mãe)**

Fazer o projeto da Casa com a Pilar, foi vê-la naturalmente e de forma espontânea, expressar o que tentamos criar diariamente no nosso espaço. Foi aprender o que é realmente importante para ela e o resultado não podia ter sido melhor.

Ana Paula Moreira (Mãe)



Fazer a casa foi um projeto muito divertido! Gostámos muito de cortar, colar e pintar em conjunto, por isso esta casa foi um trabalho partilhado. A Verinha escolheu as cores e os padrões, eu fiz os cortes maiores e a montagem e, no fim, ela pintou as divisões e colou-as nas janelinhas. Foi muito engraçado perceber quais as divisões que a Verinha considera mais importantes. **Mónica Albuquerque (Mãe)**

EM DESTAQUE

Partilhamos excertos de algumas das cartas que os pais das turmas dos cinco anos escreveram:

“Caro Birras,

Sabemos que és um ser invisível, mas conseguimos sempre perceber quando te escondes atrás das orelhas das pessoas. Somos uma família de seis a viver numa casa pequena, mas sempre muito unidos, não temos cá espaço para birras! Também andamos sempre todos os dias atarefados, não temos cá tempo para birras! Sabemos que és um ser invisível, mas, por precaução, todos os dias no banho, esfregamos muito bem atrás das orelhas!”

A Família do João

Cartas ao Birras!

Exploração da História «O Birras Quer ser da Família da Clara» de Vera Ramalho

Daniela Morais e Joana Baião Professoras de Filosofia Para Crianças, turmas dos 5 anos

O livro abordado neste início de março nas aulas de Filosofia para Crianças (5 anos) relata a história da Clara e da sua família que, sem querer, acabaram enredados nas malhas do Birras, o representante principal dos problemas de comportamento da Clara. O Birras é um ser invisível que se esconde atrás das orelhas dos meninos e das meninas e os convence a fazerem birras e disparates. Com a ajuda dos seus amigos, as Fitas e os Gritos, o Birras torna a vida da família da Clara muito complicada: a Clara porta-se mal, os pais zangam-se e a Clara é castigada. O Birras consegue sempre o que quer, que é desestabilizar o ambiente familiar da Clara.

Quando os pais descobrem que afinal as birras da Clara são motivadas pelo Birras, unem-se para o vencer, expulsando-o de casa. Uma das estratégias utilizadas consiste em endereçar-lhe uma carta, indicando-lhe os motivos pelos quais ele se deve ir embora, deixando a Clara finalmente livre das suas artimanhas.



“Caro Birras,

É com alguma emoção que te escrevemos esta carta! Juntamente com o Fitas e o Gritos, tens acompanhado o nosso filho ao longo dos últimos anos, de tal forma que podemos considerar que vocês também fazem parte da nossa família. Apesar de em alguns momentos, tu, o Fitas e o Gritos quase nos terem provocado um ataque de nervos, a verdade é que vocês têm sido muitos importantes para o Tiago, naquele que talvez seja o período mais desafiante da sua vida, em que ele tem de aprender a conhecer-se a si próprio e ao mundo que o rodeia e, assim, encontrar o seu espaço!”

A Família do Tiago

“Caro Birras,

Sabemos que tens andado mais afastado da Guadalupe, o que nos deixa a todos muito felizes! Na verdade, a Lupe já é crescida, tem boas maneiras e é educada. Agora percebe o que os pais e os mais crescidos lhe dizem e lhe pedem, o que ajuda muito ao momento em que há um NÃO e ela já não fica tão aborrecida e compreende tudo, se lhe explicarmos bem as coisas. Como a Guadalupe é uma lutadora e é muito corajosa, o teu tempo chegou ao fim! Fizeste o teu papel, Birras, mas agora ela precisa de crescer com coisas boas atrás das suas lindas orelhas de borboletas. Adeus.”

A Família da Guadalupe





O que não vem escrito nos manuais...

Benedita Sarmento, Graça Luís, Maria da Luz Fernandes Professoras de História

Por vezes, muitas vezes..., os alunos não sabem ou não conseguem dar-nos o retorno das atividades que realizamos, sobretudo daquelas que são realizadas fora da sala de aula. Inconscientemente, pensamos nós, consideram que só ali há verdadeiramente trabalho.

Esta é uma das nossas batalhas enquanto professores de um departamento com um papel determinante na cultura geral dos alunos e na sua construção intelectual, afetiva, social, humanitária, obviamente para além da simples aquisição de conhecimentos.

Deste modo, a componente de complemento do currículo que associamos a saídas em visitas de estudo (e não em passeio...) ou em projetos de trabalho cooperativo (ex. **Caixas com História** apresentadas no último *Um Dia na Escola*) é, para nós, indispensável. Pretendemos promover o conhecimento de espaços de interesse histórico, prova viva do que está a ser estudado, mas também que se ganhe consciência do nosso património coletivo, da importância da sua preservação e de outros aspetos que só aparentemente são mais básicos, tais como:

- valorizar o sentido de grupo e ter consciência das consequências do não cumprimento de regras e tarefas; por exemplo, o incumprimento de horários ou uma atitude perturbadora, o desrespeito por quem nos recebe, afetarão sempre o grupo e não apenas cada indivíduo;
- aprender a ser flexível e a lidar com contrariedades sem que isso anule a participação de todos e de cada um na atividade; uma chuvada imprevista, um pneu furado do autocarro podem ser transformados em aprendizagem de como adaptar um projeto a novas circunstâncias e a imprevistos sem que isso torne inviável a sua concretização;
- aplicar em qualquer lado as regras sobre salvaguarda do espaço envolvente, tal como é ba-

talha diária no espaço da Escola, isto é, em linguagem comum, não deixar lixo nos locais onde almoçamos nas nossas saídas de dia inteiro;

- estimular o convívio entre todos (professores, auxiliares e alunos) envolvidos na atividade, descobrindo-nos mutuamente em facetas que, por vezes, na Escola não conseguimos perceber (o professor que gosta de jogar futebol com alunos após o almoço, alunos que fazem coleções curiosas, e que ninguém sabia, que ouvem a música do tempo dos seus pais, interesses comuns que se descobrem...), fator fundamental para a humanização das relações entre elementos da comunidade educativa.



Como dizemos no início deste texto, nem sempre o reconhecimento destas dimensões da prática educativa é imediato, mas semanas mais tarde, ou até anos depois, ele chega quando ouvimos dizer:

- Olá, professora! Já não a via há alguns anos! Lembro-me tão bem de irmos “aos cromeleques”! Nunca mais lá voltei! O piquenique foi bem giro! E ainda fazem o peddypaper em Alfama? Nunca ali tinha ido. Foi a primeira vez que andei algum tempo sozinho em Lisboa e tinha 13 anos! Não nos perdemos!

É estimulante ouvir isto e não está nos manuais... É certamente um outro currículo...

Um Colégio aberto ao Mundo

É por valorizar o “conceito de formação global dos alunos, procurando que a educação não se limite ao ensino, mas completando-a com os conhecimentos da vida nos seus múltiplos aspetos”(in Projeto Educativo do Colégio Valsassina) que o Colégio Valsassina tem promovido, ao longo dos anos, muitas visitas de estudo.

Por isso, estão programadas para este ano um total de 185 visitas (saídas de campo, espetáculos de teatro, visitas ao património, peddypapers, até ateliers ligados às ciências ou às artes), desde os 3 anos até ao 12.º ano).

EDUCAR PARA a leitura e para a escrita

12.ª Edição do Concurso Nacional de Leitura (2017/18)

Mónica Silva Professora de Português

O Senhor Valéry

Gonçalo M. Tavares

Desenho Rachel Côtano

CAMINHOS



O dia e a noite

O senhor Valéry, em vez de dormir de noite, dormia de dia e em vez de ficar acordado de dia, ficava acordado de noite. Diz que faz mais sentido estar acordado de noite porque se conseguem ver as estrelas e a lua e diz que faz mais sentido dormir de dia porque, como tem medo do escuro, deixa a janela em bocadinho aberta para entrar luz.

O único problema é quando o Sr. Valéry está a dormir de dia, pois os vizinhos do lado estão sempre a berrar. Quando as pessoas passam pela casa dele dialogam umas com as outras, dizendo que ele tem algum problema, mas como o Sr. Valéry está a dormir não ouve nada.

E assim terminou esta explicação desenhando.

Leonora Cintra 5.º A

A cultura e a leitura, em particular, são eixos fundamentais para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens e constituem, no caso do nosso Colégio, um objetivo que é transversal a várias disciplinas e que transvasa a própria sala de aula.

Tornar os nossos alunos leitores, recorrendo a várias estratégias e projetos, tem-nos levado também a participar desde há seis anos, no Concurso do Plano Nacional de Leitura. É uma participação voluntária, que não tem peso na avaliação, mas com reconhecida importância manifestada no número cada vez mais elevado de alunos. Para a seleção, a nível do Colégio, participaram 13 alunos do 1.º ciclo, 34 do 2.º ciclo, 53 do 3.º ciclo e secundário.

Deste concurso nasceram vários textos muito criativos.

No 2º ciclo, a obra escolhida foi o Sr Valéry, de Gonçalo M. Tavares. Nesta obra, o autor conta micro-histórias sobre uma personagem de pequena estatura, que se cruza no seu dia a dia com acontecimentos que contrariam, muitas vezes, a sua lógica. Ao refletir sobre várias questões, o Sr Valéry leva também o leitor a questionar-se, ao mesmo tempo que se diverte com os dilemas do quotidiano deste homem tão peculiar.

Apresentamos de seguida algumas produções, fruto do seguinte enunciado:

O senhor Valéry é um homem obsessivo, solitário e sente-se, muitas vezes, incompreendido quando partilha, com os vizinhos, as suas filosofias de vida.

Imagina que és o Sr Valéry. Escreve um capítulo em que apresentes uma filosofia de vida (uma forma de viver) diferente do habitual.

O Futebol

O Sr. Valéry gostava muito de futebol.

Quando alguém marcava golo, ele escrevia o nome desse jogador no seu bloco de notas. Todos os meses, o Sr. Valéry comprava um novo bloco de notas e, quando o acabava, ele punha-o dentro de uma grande caixa de cartão que estava na sua arrecadação. O Sr. Valéry festejava sempre pela equipa que joga fora, e explicava:

- A equipa que joga fora está sempre em desvantagem e por isso eu festejo por ela, para ela ter mais possibilidades de ganhar.

Sempre que o Sr. Valéry assim fazia, a equipa marcava um golo, mas nem sempre ganhava.

O Sr. Valéry não tinha clube:

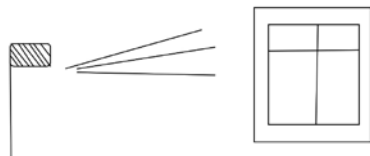
- Se eu tiver um clube e vir futebol com amigos e eles não forem do meu clube, podemos armar uma grande discussão. Assim não há discussões e posso viver pacificamente.

Xavier Videira 6.º A

Os Óculos

Eu andava sempre com uma caixa de óculos no bolso. Um dia, um vizinho perguntou porque é que eu andava sempre de óculos no bolso e nunca os utilizava. Eu respondi:

- Eu uso os óculos à noite por causa da luz.
- Então, mas se à noite dorme, porquê os óculos?- perguntou o vizinho.
- Para se acordar ver se já é de dia ou se ainda é de noite!- E desenhei:



- A poluição luminosa! Se eu não dormisse de óculos nunca perceberia se era dia ou noite, pois agora já toda a gente tem um relógio, ou telemóvel. Eu não. Eu tenho óculos.
- Não percebo.- Disse o vizinho, virando costas.
- Realmente o maior erro do Homem é não perceber. - Exclamei para comigo.

Rafaela Maia 6.º D

O que penso

Às vezes acho que as pessoas não me percebem, eu sou uma pessoa que pensa bastante, só isso.

As outras pessoas são más, egoístas, simples demais; e não aceitam que haja alguém diferente (com isto não me estou a insultar a mim próprio dizendo que sou anormal).

Nunca, na minha vida inteira, conheci alguém verdadeiro, simpático e que me aceitasse como eu sou, assim acho que neste grande mundo ninguém, nem mesmo uma única pessoa me compreende.

Sem querer insultar muito, penso que 95% das pessoas têm falta de inteligência; quem me dera a mim conhecer os outros 5% e encontrar alguém parecido comigo e que me compreendesse. Talvez um dia o encontre. Até lá vou continuar com as minhas ideias e raciocínios, que podem não agradar a outros, mas eu sinto-me orgulhoso deles.

Tomás Alves 5.º D

A mesa

Eu tenho uma mesa na minha sala. É dos únicos móveis que tenho em casa, para além da minha cama e do fogão. A minha casa é simples, como se vê.

Segundo os meus amigos, utilizo-a de uma forma um pouco estranha, mas a mim parece-me lógica.

- Para que serve uma mesa, - perguntava-lhes eu-, se não me posso sentar nela?

A verdade é que eu não tenho cadeiras em casa. E se não as tenho, tenho que me sentar na mesa, e comer de lado.

- Quem não tem cão caça com gato - disse uma vez a um dos meus vizinhos - parece-me lógico.

E despedi-me rapidamente, pois já estava na hora do almoço.

Madalena Nunes 6.º B

O cérebro

Eu pensei:

“Porque é que as pessoas usam telemóveis? Eles são inúteis. Tudo o que eles sabem, nós sabemos.”

Fiquei muito pensativo e fiz um desenho: um telemóvel e um cérebro. Calculei o que eu seria sem um telemóvel, e o que seria sem um cérebro. A resposta era óbvia. Como pude hesitar em comprar aquele objeto tão estúpido?

Saí de casa para andar um pouco a pé e vi que o mundo estava rodeado de telemóveis. Realmente, eu não entendia. Tinha de intervir. Fiz um desenho e já sabia o que devia fazer: imensas cópias desse desenho (um telemóvel, um símbolo de versos e um cérebro), assim todos iriam perceber. Fi-las e pu-las nas ruas.

Dali a umas horas, fui deitar um papel ao lixo, quando, vi, na rua, todos os telemóveis espalhados no chão. Fiquei estupefacto. Só pensei:

“Assim é que salvei o mundo.”

Vera Paixão 5.º A

O calçado

O Senhor Valéry era um homem que tinha muito cuidado com a sua limpeza.

O Senhor Valéry, além de usar sapatos nos pés, também usava sapatos nas mãos.

Quando ele ia à rua, toda a gente lhe perguntava porque é que ele usava sapatos nas mãos, mas ele ignorava, porque achava que as outras pessoas sabiam porquê.

Entretanto, passou algum tempo que ele usava sapatos nas mãos.

O Senhor Valéry foi para o talho comprar peixe, mas não conseguia segurar no peixe por causa dos sapatos nas mãos, então o senhor do talho perguntou-lhe:

- Ó Senhor Valéry, para que é precisa destes sapatos nas suas mãos?

- Ninguém percebe?- perguntou-se a si próprio o Senhor Valéry.

- Eu explico: se cair na rua com as mãos é como se caísse em pé!- exclamou ele.

O Senhor Valéry virou as costas e seguiu caminho.

Catarina Ferreira 6.º A

EDUCAR PARA a criatividade e para a escrita

Escrita Criativa

Mónica Silva Professora de Português

Realizou-se, na semana das línguas, o concurso de Escrita Criativa, no 6.º ano.

Entre várias propostas os vencedores do primeiro e segundo prémios, escolheram o seguinte enunciado:

**Venda os olhos.
Não espreites.
Sente o escuro à tua volta.
Apercebe-te dos sons, das texturas que tens ao alcance das mãos.**

**PROPOSTA:
Escreve, de olhos bem fechados, aquilo que te apetecer.**



As coisas

Carolina Gomes 6.º A

Ouç o barulho, o barulho de pessoas a correr, de pessoas a jogar, pessoas a sussurrar. Ouç o barulho de alguém irritado, uma pessoa nada satisfeita com algo. Ouç um avião onde estarão pessoas a vir, outras a regressar. Pessoas diferentes, vidas distintas, apenas ligadas por um avião em comum. Podem estar tristes, doentes, contentes, desiludidas, nunca saberei.

Olho, olho no escuro do infinito. Porque é escuro quando fechamos os olhos? Porque não é branco, ou azul? Perguntas... Perguntas que não têm resposta, é assim. Deus fez assim. Mas Deus? Quem é Deus exatamente? A Natureza? Ela fez assim? Quem é "ela"? As coisas, elas são estranhas. E por-

quê coisas? Porque as coisas têm nomes? Quem lhes colocou esses nomes? Como é que falo sem dizer esses nomes? Como é que passou a fazer sentido na cabeça das pessoas?

Toco, toco no meu estojo, não o vejo. Como sei que é o meu estojo, se não o vejo? É macio, tem relevo. Às vezes não percebemos como são as coisas. Agora, muitas vezes, só vemos. Um ecrã. Já não se toca, não se ouve, não se sente. Não se vive. Vive-se por causa das máquinas. Uma pessoa não pensa viver sem uma máquina. As pessoas mais pobres não usam provavelmente porque não podem. E às vezes são mais felizes.

Fechar os olhos faz ver.

No meio do nada

Joana Nisticó 6.º D

De olhos fechados e ouvidos abertos, ouve-se um sussurro, mas não vejo nada, parece que estou... no meio do nada.

Tento abrir os olhos com toda a minha força, mas nada, nada de nada, nada me vem à cabeça naquele momento. Mas, bem lá no fundo, começo a ver uma luz ao fundo do túnel que, pelas palavras da minha mãe, seriam:

– Deixa-te de coisas! Para de sonhar e levanta-te! – adivinhando o que aí vinha... – Já estás atrasada! Let's go!

Eu já não sou muito boa a inglês, ainda por cima,

de manhã, e esperam que eu traduza? Se estás à espera, bem podes esperar ou, como diria a minha avó, "podes esperar sentada". Mas... voltando ao assunto, onde é que íamos? Ah sim!

Como não consigo abrir os olhos, apalpo tudo à minha volta, até que encontro: os chinelos, os lençóis, as meias ... bem, se não eram estas coisas todas, pelo menos, pareciam. Mas se não fosse aquilo tudo, nem queria imaginar o que fosse!

Bom, mas agora o meu problema não era esse, era pensar numa maneira de abrir os olhos, e de...

Ouvu-se silêncio.

O 3.º classificado escolheu a seguinte proposta:

Há alguém que decide partir, depois de uma difícil e longa reflexão, mas deseja explicar a quem fica todas as razões que o/a levaram a esse ato desesperado.

PROPOSTA:

És aquele/a que parte e que deixa uma longa carta de despedida com todas as explicações àquele que fica. Escreve essa carta.

Pavão

Rafaela Maia 6.º B

Lisboa, 23 de janeiro de 2018
Caros familiares e amigos,

Sei que minha família anseia a minha volta. Sei que os meus amigos me desprezam pela minha fuga. Sei que já nem vocês percebem o que aconteceu.

Parece tudo cobardia, parece que quando precisaram, eu fugi. As razões desta fuga já há muito me atormentavam. Eu passo a explicar:

No dia 12 de março de 2017 a Cális nasceu. Parecia tudo ótimo, parecia... Ela era perfeita, mas custava muito manter cinco pessoas com um ordenado de empregado de mesa. A partir desse dia, já só se pensava em dinheiro e com o que os outros pensavam de nós.

Quando eu comecei a viver com a Agatha, não foi isto que lhe prometi. Prometi-lhe uma vida de sonhos e felicidade, mas, ao fim da segunda criança, já só importava o dinheiro.

O meu animal favorito sempre foi o pavão, como sabem. Ele vai comendo serpentes e plantas venenosas e há uma altura em que tem que se desintoxicar. É isso. Eu sou quase um pavão.

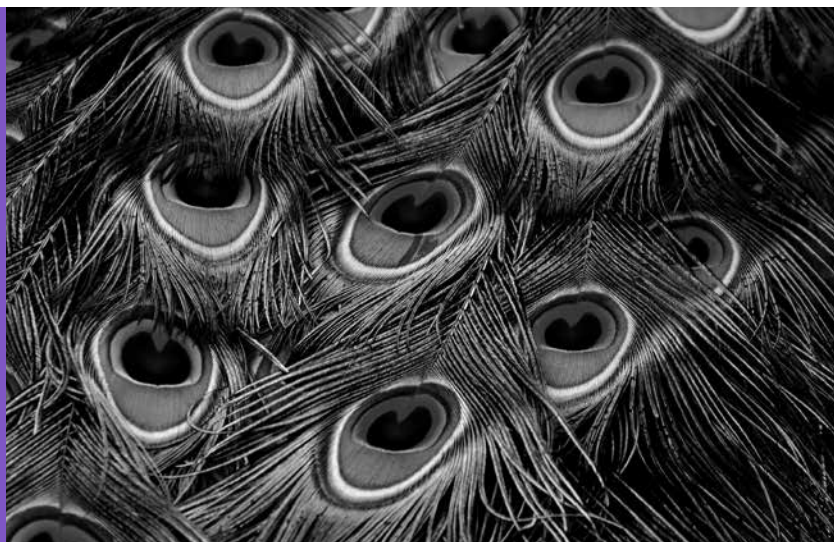
Naquele dia em que fui à consulta de cartas não acreditei no que me tinham dito. Mas agora acredito.

Sei que nunca me perdoarão.

Com saudades,
Tedros.



“Fechar os olhos faz ver.”



EDUCAR PARA o pensamento divergente

A importância de pensar fora da caixa

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

“Pinto as coisas como as imagino e não como as vejo.”

Pablo Picasso



O professor é uma figura essencial de qualquer sistema educativo. É, por conseguinte, uma pessoa que procura guiar, orientar, encorajar, estimular, descobrir e canalizar os interesses dos alunos. Nas aulas de componente artística, estes objetivos ganham ainda uma dimensão mais relevante.

É frequente nas aulas de Desenho A, os alunos serem incentivados a sair da sua zona de conforto, a “pensar fora da caixa”, pois a mesma é potenciadora da criatividade. A criatividade envolve a rutura de padrões estabelecidos e pré-conceitos, permitindo olhar à nossa volta de uma maneira diferente.

Desafiar o aluno a “pensar fora da caixa” tem como objetivo primordial a descoberta de uma perspetiva diferente, estimulando o lado direito do cérebro, região responsável pela criatividade e emoções.



“A criatividade envolve a rutura de padrões estabelecidos e pré-conceitos...”



**Assumir as ideias
sem qualquer
vergonha.**

Trabalhos da aluna
Mariana Neves 12.º 4



No campo das artes somos constantemente confrontados com enunciados que nos obrigam a sair da nossa zona de conforto. Este confronto, quase diário, é verdadeiramente uma das maneiras mais eficazes de evoluirmos, não só como artistas mas também como pessoas.

Chegada a um sistema de ensino diferente no qual se privilegia a criatividade e o desenvolvimento humano posso dizer, com toda a certeza, que após ter ingressado no curso de artes mudei como pessoa.

A pessoa tímida com medo de expor as ideias que tinha, por recear as opiniões dos outros, entretanto desapareceu e deu lugar a uma pessoa pragmática e assertiva sem qualquer medo de dizer o que pensa e porquê.

Olhando hoje para trás reconheço que são estas algumas das qualidades que não poderia ter adquirido de outra maneira, senão pelo incentivo criativo de “pensar fora da caixa” e assumir as ideias sem qualquer vergonha.

Mariana Neves 12.º 4

**“... sistema de
ensino (...)
no qual se privilegia
a criatividade e o
desenvolvimento
humano...”**



EDUCAR PARA a leitura, escrita e criatividade

"... Aprender a ler,
a escrever, alfabetizar-
-se é, antes de mais
nada, aprender a ler o
Mundo, compreender o
seu contexto não numa
manipulação mecânica
de palavras, mas numa
relação dinâmica que
vincula linguagem e
realidade."

Paulo Freire

A Liberdade na Expressão

Andreia Cortes, Carla Alvarenga, Carla Caldeira Professoras do 3.º ano

A oralidade, a leitura e a escrita são as competências básicas para que a criança possa decodificar o significado das mensagens numa análise do “eu” e do “todo”, numa interação com tudo o que a rodeia.

A motivação, nas diferentes fases do desenvolvimento da criança levam-na a ser mais capaz de se consciencializar com o que a rodeia e desenvolver com maior facilidade e liberdade um discurso fluente e consequentemente mais assertivo.

Assim, e numa atitude de motivação para a leitura/escrita, cabe também à Escola, onde o professor desempenha um papel mediador das interações, promover dinâmicas que conduzam ao desenvolvimento e aperfeiçoamento dos três pilares da alfabetização: oralidade, leitura e escrita.

Ao longo do segundo período, o terceiro ano desenvolveu tarefas motivadoras para promover a oralidade, a leitura e a escrita em contextos diversificados.

- Leitura de contos tradicionais
- Texto descritivo: auto – retrato
- Textos narrativos: O vilão conta a história; conto de Hans Christian Andersen (reconto)

As crianças falam, relatam, leem, comunicam... numa troca de aprendizagens.

A Rapariguinha dos Fósforos

3.º A

Numa noite de inverno, com muito, muito frio e neve a cair, na véspera do ano novo, uma rapariguinha passeava sozinha pela rua, cheia de frio.

Numa imensa escuridão, ela tentava vender fósforos a quem por ela passava, mas ninguém reparava naquela menina de longos cabelos loiros e pés descalços.

De repente, a menina lembrou-se de acender um fósforo para se aquecer. Foi acendendo um e mais um.

Ao acender o primeiro fósforo, sentiu um calor imenso, pensava-se sentada diante de um grande fogão de ferro.

Acendeu o segundo fósforo. Ao mesmo tempo, em todas as casas, pelas janelas, podia-se ver que todos preparavam a noite do fim do ano. As mesas estavam decoradas e as travessas recheadas.

Ao acender outro fósforo, a menina sentiu naquela chama, que estava sentada por baixo de uma linda árvore de Natal.

Acendeu ainda mais um fósforo e viu na chama a sua avó à qual pediu que a levasse com ela. Com medo que o fósforo se apagasse e, que este momento chegasse ao fim, acendeu o resto dos fósforos do molho e... não resistiu ao frio.

A rapariguinha dos fósforos, no dia seguinte, estava morta, mas conseguiu realizar o seu grande desejo.

Estava agora no céu com a sua avó no dia de Ano Novo e, juntas, festejaram com muito amor!



O Vilão conta a história Os três cabelos de ouro do diabo (versão do rei)

Diogo Lobo, Duarte Baltazar, Érica Xia, Joana Parreira, Mafalda David 3.º B

Pensam que eu sou o mau da fita, mas eu vou contar-vos a verdade desta história.

Eu não queria dar a mão da minha pequena princesa a um rapaz qualquer, queria casá-la com um príncipe. Então, coloquei o comum menino que lhe era destinado, dentro de uma caixa para que as águas o levassem para o reino vizinho. Os reis do outro lado do rio, não tinham filhos e eu sabia que receberem uma criança seria para eles uma grande alegria. O menino iria crescer e tornar-se-ia um belo príncipe. Nessa altura, poderia então casar com a minha filha.

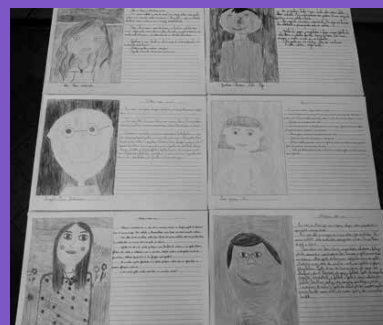
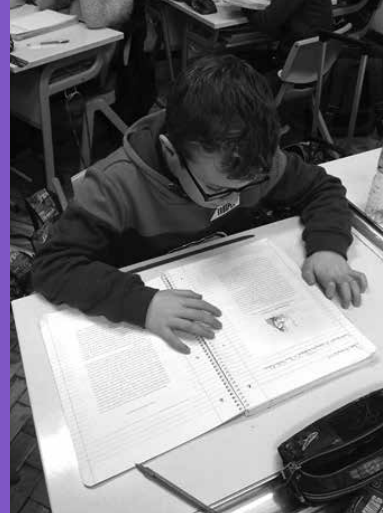
Tudo não passou de um mal-entendido. A carta que mais tarde escrevi não continha a mensagem que todos pensaram. Eu estava a escrever a carta à rainha, minha esposa, quando lamentavelmente a borrei. Estava muito frio e muito vento, a minha mão tremia imenso e escrevi palavras, que agora sei, que nem eu as conseguiria ler. Não reli o que escrevi porque, enquanto dormia a minha sesta, uma mulher levou a carta.

O rapaz caminhou até ao covil onde deveria ir. A mulher que levou a minha carta, entregou-a aos ladrões. Estes leram-na e reescreveram-na com uma mensagem diferente. Nela escreveram que a rainha devia casar o rapaz com a minha filha mas, para mim, ainda não tinha chegado a hora. Ele não estava preparado.

Quando entregaram a carta ao rapaz, ele levou-a à rainha e esta casou-os.

Fiquei aborrecido, mas sabia que a culpa não era do novo príncipe.

Culpei o Diabo e resolvi dar-lhe uma lição. Pedi ao marido da minha filha que me trouxesse três cabelos do diabo. Quando ele partiu, arrendi-me. Ao fim de alguns dias, como prometido, o rapaz trouxe-me o que lhe pedi. Percebi que ele era digno da minha filha e recebi-o muito bem na minha família.



O Vilão conta a história O Lobo e Os Sete Cabritinhos (Versão do Lobo)

Amanda Cogo, Gonçalo Matias, Lourenço Dourdil, Madalena Câmara, Vasco Jesus 3.º C

Todos pensam que os carnívoros são sempre os maus da fita mas quando ouvirem o que eu tenho para contar vão perceber que não é bem assim...

Tudo começou quando um dia fiquei sem carne para o almoço e, por isso, pensei almoçar com os meus vizinhos, os cabritinhos.

Bati à porta e eles disseram:

– Não podes entrar, tu és o Lobo Mau!

– Ah, que injustiça! Só queria companhia para o almoço, até estava capaz de comer umas plantinhas só para não almoçar sozinho.

Ainda assim, os cabritinhos não me abriram a porta.

Desiludido, fui-me embora e resolvi escrever um poema aos cabritinhos. Peguei no giz e, como estava seco, pu-lo na boca. Sem querer, engoli-o.

Desisti do poema e resolvi ir comprão pão. Ao passar na padaria, tropecei num saco de farinha e fiquei todo coberto de branco.

Como estava com preguiça de tomar banho, resolvi insistir com os vizinhos. Podia ser que entre-

tanto tivessem mudado de ideias.

Bati novamente à porta, lá de dentro pediram-me que mostrasse os pés. Mostrei-os, então, julgando-me ser a mãe, alguém me abriu a porta.

Em casa não estava ninguém, afinal, a porta estava encostada. Procurei um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete cabritinhos e... Nada!!

A mesa estava posta, não que me agradasse muito, pois estes queridos vizinhos são herbívoros, mas não havendo escolha, almocei e saí.

A refeição tinha corrido bem, resolvi dormir uma sesta. Quando acordei, alto alvoroço se passava na floresta. Os cabritinhos tinham desaparecido! Apenas o mais novo foi encontrado dentro da caixa do relógio.

Ao cruzar-me com os jornalistas, repararam que eu estava de barriga cheia. Sem me perguntarem nada, inventaram que eu tinha comido os cabritinhos.

A notícia espalhou-se por toda a floresta e, por isso, até hoje dizem que eu sou o mau da fita!

EDUCAR PARA
os valores e para
uma participação
cívica ativa

Parlamento dos jovens

Ana Oliveira Professora de Educação para a Cidadania

O programa Parlamento dos Jovens, aprovado pela Resolução n.º 42/2006, de 2 de junho, é uma iniciativa da Assembleia da República, dirigida aos jovens dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário de escolas do ensino público, privado e cooperativo do Continente e das Regiões Autónomas.

A participação do nosso Colégio neste programa tem ocorrido regularmente, contando sempre com o entusiasmo dos alunos que, nas aulas de Cidadania, trabalham o tema proposto: este ano *A Igualdade de Género*.



“... desenvolver a capacidade de análise de um problema, argumentação e defesa de um ponto de vista bem como construir consensos sobre deliberações.”

Os trabalhos realizados permitem:

- educar para a cidadania, estimulando o gosto pela participação cívica e política;
- promover valores democráticos pelo reforço da compreensão do Estado de Direito;
- reforçar o valor da participação cívica ativa, informada e responsável;
- despertar a consciência para a importância de analisar e compreender vários pontos de vista;
- incentivar a reflexão e o debate sobre um tema;
- promover soluções comprometidas com os Direitos Humanos;
- na Sessão Escolar, em que são discutidos os Projetos de Recomendação, desenvolver a capacidade de análise de um problema, argumentação e defesa de um ponto de vista bem como construir consensos sobre deliberações.



Foi o meu segundo ano no Parlamento dos Jovens e retiro sempre alguma coisa que me completa, não só como aluna mas, também, como pessoa e cidadã.

Ir ao Parlamento dos Jovens é sempre uma honra e espero que para o próximo ano consigamos ultrapassar o terceiro lugar, alcançado por nós nesta edição.

Participar neste Trabalho é uma experiência incrível que nos permite ter vivenciar uma experiência política.

Como aluna finalista, resta-me desejar boa sorte a quem nos suceda como representantes nos próximos anos.

Constança Gomes 12.º 3



Este ano letivo o Projeto de Recomendação selecionado foi defendido na Sessão Distrital pelos alunos do 12.º ano: **Constança Rodrigues (12.º 3)**, **André Santos (12.º B)** e **Margarida Rodrigues (12.º 1A)** que, votados pelos colegas demonstraram de forma expressiva o valor da participação cívica ativa, informada e responsável.



“... a minha participação no Parlamento dos Jovens foi significativamente enriquecedora para a minha formação enquanto cidadão que deve exercer os seus direitos e deveres democráticos.”

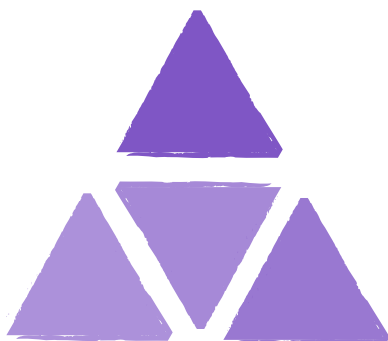
Considero que a minha participação no Parlamento dos Jovens foi significativamente enriquecedora para a minha formação enquanto cidadão que deve exercer os seus direitos e deveres democráticos.

A organização e a estrutura do debate revelaram-se surpreendentes, na medida em que houve espaço para todos manifestarem a sua opinião e apresentarem os seus argumentos, sendo a igualdade de oportunidades garantida através da cronometragem de cada participação. Na minha opinião, a presença da deputada Ilda Araújo Novo, assim como de outros representantes foi uma mais-valia pela clareza e sentido de oportunidade dos seus discursos. Por fim, é de referir que a atribuição de determinadas funções a certos elementos contribuiu para eficácia da sessão e para o sucesso do debate, por exemplo, a existência de um Presidente de Mesa que assumiu um papel orientador.

Ter a oportunidade de fazer parte deste evento foi, para mim, um privilégio.

André Santos 10.º 1B

EDUCAR PARA a cidadania



Projeto Justiça para Todos

Daniela Morais e Graça Luís Professoras de Educação para a Cidadania

O Ministério da Educação tem em curso uma experiência-piloto que pretende implementar uma nova disciplina, obrigatória para todos os alunos a partir do segundo ciclo do Ensino Básico, designada por Cidadania e Desenvolvimento. Embora esta disciplina seja, até ao presente ano letivo, de carácter opcional, há muitos anos que incluímos nos nossos currículos a disciplina de Educação para a Cidadania, através da qual promovemos projetos que pretendem fomentar o exercício de uma cidadania responsável, assegurando que os nossos alunos compreendem a natureza e os fundamentos da vida em comunidade, tal como o **Projeto da Justiça para Todos**.

O que pretendemos com projetos como este?

- Promover o contacto com documentos-base da organização do Estado (ex. Constituição da República Portuguesa);
- Reconhecer a individualização/separação dos poderes políticos como garante do regime democrático;
- Conhecer o funcionamento das instituições associadas aos vários poderes;
- Sensibilizar os alunos para os seus direitos e deveres enquanto cidadãos;
- Vivenciar situações-tipo relacionadas com problemas que se colocam à sociedade e à justiça em Portugal.

Quem colabora connosco?

- O Ministério da Educação e o Instituto de Estudos Judiciários, entre outros organismos;
- Os juízes das comarcas que se disponibilizam a receber-nos e a realizar a simulação dos julgamentos, dando sempre um cunho pedagógico às suas intervenções.

Como participam os alunos?

- Selecionam um dos casos fornecidos pela organização do projeto;
- Investigam a legislação existente;
- Assumem a defesa e acusação das personagens envolvidas, procurando sempre enriquecer as suas alegações, com base na lei, para que possa haver atenuantes ou agravamento de penas;
- Comparecem e depõem em tribunal, assumindo com seriedade, os papéis que lhes são atribuídos.



No presente ano letivo, a preparação deste projeto com as turmas do 11.º ano do Ensino Secundário, decorreu ao longo do primeiro período. As aulas de cidadania foram palco de um simulacro de uma investigação jurídica. Cada turma escolheu, de entre um número de casos disponibilizados no âmbito do projeto, o caso que serviu de pano de fundo para a tomada de papéis por parte dos alunos. De seguida, foram formados vários grupos, de acordo com a natureza do cargo: o grupo dos magistrados do Ministério Público, dos Advogados de Defesa, das testemunhas, dos inspetores da Polícia Judiciária e dos Jornalistas que realizaram a cobertura do processo, desde as sessões de investigação do caso até aos testemunhos da vítima, do arguido e das testemunhas. Desta forma, tentámos recriar, de forma aproximada, o processo jurídico que precede um julgamento em tribunal.

Os casos escolhidos pelos alunos foram «A Violência no Namoro» e o «Tráfico de Seres Humanos», sendo necessário para o início do processo de investigação do caso uma reflexão prévia sobre a natureza de cada tema, bem como um revisitar da *Carta Universal dos Direitos Humanos e da Constituição da República Portuguesa*. Após esta fase inicial de consulta de materiais, os alunos desenvolveram

estratégias de ação de acordo com o grupo a que pertenciam: o Ministério Público procurou os indícios que possibilitaram delimitar os contornos da investigação e analisaram as provas disponibilizadas pelos advogados e pela polícia judiciária; os advogados aprimoram a sua capacidade argumentativa através da aplicação de técnicas de persuasão aos seus discursos; as testemunhas reviveram o caso, explorando a sua linha narrativa; e a polícia judiciária encarregou-se de realizar os interrogatórios prévios ao início do processo.

Todo este trabalho realizado pelos alunos culminou na ida, no dia 19 de Janeiro, ao *Campus da Justiça*, onde foram recebidos por um juiz da comarca, que dirigiu o processo e avaliou o caso. Os alunos ocuparam as suas posições em tribunal de acordo com os seus cargos e o julgamento desenrolou-se seguindo os âmbitos legais presentes na nossa *Constituição*.

Com este projeto, o grupo de cidadania acredita estar a contribuir para o exercício da cidadania, ou seja, para o incremento de um conjunto de aptidões que consciencializam e preparam os nossos alunos para aqueles momentos da sua vida adulta em que terá que agir em conformidade com os ditames que regem uma sociedade democrática.

Para uma melhor compreensão do impacto desta atividade, o ideal é mesmo ler o parecer dos alunos intervenientes:

Para mim a experiência foi muito enriquecedora pois não tinha conhecimento de como funcionava uma audiência no tribunal e ao ver ao vivo aprendi que é um processo demorado e exaustivo, isto é, todos os pormenores são importantes e podem mudar o desfecho do caso.

Rodrigo Santos 11.º 2

Esta experiência foi bastante enriquecedora. O trabalho em aula foi muito interessante, assim como a visita ao campus da justiça.

Mateus Pinto 11.º 2

Foi uma experiência enriquecedora que contribuiu para perceber como funciona um julgamento. O desempenho dos meus colegas na atividade foi ótimo.

Fernando Mateus 11.º 2

Considerarei a atividade Justiça para Todos muito enriquecedora na medida em que nos abriu os horizontes para o campo jurídico.

Rodrigo Sá 11.º 2

Este projeto foi enriquecedor para entender o funcionamento de um tribunal em Portugal. Confesso que não conhecia tanto sobre o nosso sistema jurídico e comecei a entender melhor como decorrem os julgamentos e como são sentenciados os casos no nosso país.

João Alves 11.º 4

Achei que foi uma ótima experiência e que valeu a pena termos ido a tribunal para ganharmos uma noção de como um tribunal funciona.

Ricardo Magro 11.º 2

Este projeto ajudou-nos a compreender melhor as leis do nosso país. Tivemos uma nova perspetiva de como decorre uma audiência e acabámos por sentir a mesma coisa que as pessoas que trabalham neste ramo, como os juizes e os advogados. Eu fui testemunha do caso e confesso que parecia mesmo real pois senti nervosismo e medo de falhar.

Daisy Ferreira 11.º 4

On Tuesday 20th February, the Valsassina School Public Speaking Competition was held, where ten 11th grade students present their speeches about the theme “*The best way to predict the future is to reinvent it*”, using different approaches.

The competitors were: 11.º 1A – Berke Santos, Filipa Tojal, Tiago Salem; 11.º 1 B – Miguel Aguiar, Afonso Alemão, Diogo Adegas; 11.º 2 – Teresa Cabral, João Fernandes; 11.º 3 – Mafalda Lopes, Patrícia Marques.

The jury was composed by three teachers of English and the winners of 2017 school competition. It was a very lively session and the jury highlighted the quality of all the speeches; the ones presented by Tiago Salem and Berke Santos got the highest punctuation.

On Sunday 4th March, Tiago and Berke participated in “*The National Public Speaking Competition*” at the British Council in Lisbon. Tiago Salem (11.º 1A) made part of the list of ten final competitors.

Now you can read three speeches listened on 20th February.

Present is the new future

In 1440 Gutenberg invented the printing press, in 1876 Bell invented the telephone, in 1903 the Wright brothers invented the first airplane. These are inventions that have changed the global archetype of its times. These are the inventions that matter.

In 1920 Andre Breton invented the surrealist movement, in 1950 Stuart Davis invented Pop art, in 1954 Jackie Brenston and Ike Turner invented Rock ´n Roll. These are inventions that have not changed the global archetype of its times but why?

Ladies and gentlemen, according to LeAnna J. Carey invention is “the creation and capture of new value in new ways”, therefore I strongly believe we should value all kinds of inventions and understand they’re equally important.

Inventions have always played a crucial role in the development of the world, since they made the human being capable of acting faster and more systematically.

As I said in the beginning of my speech, some inventions took an essential part on the time they were created and if you notice all of these inventions are connected to mathematics, science, and physics. This makes me wonder why do we undervalue the inventions related with arts and humanities.

Some of you might think that inventions such as artistic movements or music genres aren’t even necessary or relevant for the construction of an evolved and innovative society but, in that case,

we also don’t need technological and scientific inventions because, as Agatha Christie once said, “I don’t think necessity is the mother of invention. Invention . . . arises directly from idleness, possibly also from laziness. To save oneself trouble.”

There’s a significant misconception about the relevance and the meaning of art. Art is feeling, beauty and it is freedom. It means self-expression and an introspection to our mind and senses. In modern life, we don’t value arts, we neglect artists and we think they are useless, considering we live in a society based on materialistic and superficial ways of thinking.

For example, why do we ask artists and writers why they do what they do and we don’t ask a mathematician or an engineer the same? Why do we criticize and undermine these people almost like they weren’t worthy of respect? Let me tell you something, firstly they do it because it’s they’re passion and “the human race is filled with passion”, as John Keating said in the film *Dead Poet’s Society* and secondly, we should respect all of these professions, not because they make you wealthy or famous but because all of them are noble.

If this is all a matter of what each one of us is passionate about and equally noble professions then explain to me why did Thomas Edison made a total amount of 178 million dollars from all his inventions and Van Gogh died miserable and only sold one out of his 2100 artworks, while he was alive.

Nowadays, it seems to me that most people aren't even passionate about anything in particular because there's a multiplicity of images and moments that it gets hard for us to focus on simply one thing and also I believe we're living in a generation where having feelings and passions make us vulnerable and weak, almost like we don't belong here, like we're misplaced.

From my point of view, today people are similar to machines. We do the same things each and every day, we dress, talk, behave the same way. We have stopped celebrating diversity, difference

because we're unable of getting out of our Comfort zone. We're always so caught up in our habits and our routines, thinking of what will happen next that we forget what's happening now.

It's certainly true that the best way to predict the future is to invent it but, even though this sounds a bit cliché, don't you think sometimes we should just live in the present? "Carpe diem". Stop always trying to be one step ahead and just seize the day. The day as it is, not as it could possibly be.

Patrícia Marques 11.º 3

Free time and happiness in a full time job

It's 7 pm and you feel exhausted. It's cold outside and you can't help but to get annoyed at all the car traffic today. Your head hurts and your muscles feel tense. It's just another Tuesday afternoon but it feels like you've worked for two entire weeks since the last weekend.

This, ladies and gentlemen, is not a paragraph from a novel nor the beginning of another romcom movie; this could well be your future. I'm here to talk about what might be the greatest challenge our society has to face in this century: free time and happiness in a full time job.

Now, let's consider this: according to a study published by Forbes Magazine, in 2014, 52.3% of Americans were unhappy regarding their job. Since then, practically nothing has changed and the figures have stayed the same.

According to the world health organization (WHO), in the 21st century levels of depression, stress and anxiety have been the highest ever.

Since the 1960s, we have worked more and more hours. We, as a society, have forgotten the importance of free time, the importance of having time to ourselves and to be with our loved ones. We have forgotten our emotional side and have focused on earning more and more. We think that working hard will make us happier. However, that's not what the figures I told you earlier show. How can we not see that this logic is failing, and it's failing us?

In Portugal, 42.3 is the average of working hours in full time employment per week, and that puts us in 4th place on the list of countries who have more working hours in the EU. A lot of people might argue that this is the way things have to be for a normal, functional society, but I ask "is it normal that the majority of our society is unhappy with their work life?". And "why is it normal that mental ill-

nesses are increasing and we do nothing to change that?". Or simply, "why do we have to settle down for an okay life and not want one where we feel fulfilled and genuinely happy?". The question is "Why settle down for this when we are the ones in control of the future?"

According to several historians and economists, it is perfectly possible to cut down the working week by a third, meaning we can work only 15 hours per week and still be able to earn an unconditional basic income. The only thing stopping us is that we still keep seeing that as something unachievable. Nevertheless, the problem here is no longer the lack of means, but the lack of imagination.

So, let us imagine, I say. Let us imagine a life where you only work 3 hours per day. Let us imagine a life where it's possible to spend a decent amount of time with your friends, family, and still go to for a walk at a park and work and not feel any pressure. Let us imagine a life where problems of stress are reduced because you actually have time to get your mind off of it. Let us imagine a life where mental illnesses are less common because people have time for themselves and also prioritize their emotions instead of always putting their job in first place. And, finally, let us materialize those ideas; we can make them real.

As for now, we just have to start working to get there. Create companies that valorize each individual as a human with their needs and emotional life, and sees them as collaborators towards a final objective instead of just workers. Companies that are made of people and not just money and exchanges. We have to innovate and invent ways to get there.

We are the ones who can either change what is happening right now or experience it. Given the options, we are the ones who can choose.

Filipa Tojal 11.º 1A



A nuclear question

August 1945, Hiroshima and Nagasaki. To end the Pacific war, the United States ordered the bombardment of these two Japanese cities, using their latest weapon, the Nuclear Bomb. According to the Atomic Heritage Foundation, 317 000 children, women and men died. The two bombs that were dropped proved to be deadly and a question still remains: "Was there not another way to solve the problem?"

At this moment, as I speak, the risk of a nuclear conflict has never been so high, and we are forced to ask: "Did the nations learn nothing from Hiroshima and Nagasaki?". Apparently, death and suffering taught us nothing.

There are nine countries, spread throughout Europe, Asia, and America, that are rearming themselves, making huge investments in the nuclear triad. The United Kingdom, France, Israel, Pakistan, India, China, North Korea, Russia, and the United States, are modernizing their arsenals, preparing for an imminent conflict. Why? We can find the answer in America. The Trump administration is convinced that the best way to control the nuclear menace is to advertise their ability to devastate its enemies. The nuclear weapon is gaining a key role in the politics of fear. These nine countries, particularly the United States, Russia, and North Korea, want to increase their production of nuclear missiles with a unique purpose: to control the actions of their enemies through fear.

The problem is: Do we want a world where a nuclear weapon is managed like a toy? Or do we want a world with no nuclear weapons at all?

The ones for the nuclear option would use the same arguments as Donald Trump, defending that the goal is to make a nuclear program "so strong and powerful that it will deter any acts of aggression". However, this takes the matter to another

level. Reinforcing a nuclear arsenal is basically increasing the production of weapons of mass destruction. Of course, this question involves financial and industrial in the United States. Obviously, an increment in the production of weapons, especially nuclear ones, which have a greater price, would become a profitable activity and an impulse to economic growth in America, as well as in other nuclear power nations. All in all, supporters of the nuclear bomb are supporters of fear, who think that the best way to maintain peace is not through diplomacy, but through intimidation. This is not peace at all; this situation is perpetual tension founded on perpetual hate.

This is why we have to rationalize the matter. What is a Nuclear Bomb? Is it like a submarine? No. Is it like a tank? No. Is it a soldier? No. So what is it? These three are deployed to attack as well as to defend a military position. A nuclear bomb is not made to fight at sea and land; it is not made to fight on landing grounds, nor in the air. It is made to force the enemy to surrender, to give up on any hope, because nuclear bombs choose as a target a city instead of a military base. A nuclear bomb devastates a whole town in weeks. Some die immediately, but others suffer for weeks and months until death takes them. A nuclear bomb has no feelings, no respect; it is inhuman. Children, women and men, they are no longer Humans, they are targets(...). After what happened in Japan 73 years ago, ask yourselves: Is it worth having something like that happen again?

The future is unwritten, so are the choices that we shall make. Hiroshima and Nagasaki are the living proof that the decisions that we make today will have repercussions in the future. Investing in nuclear bombs is investing in a hopeless future, where the nations live in peace because they live in fear. We can't predict what is going to happen in the next decades, but we can decide now how we want to influence the next age...

João Fernandes 11.º 2





Hidden curriculum and social networking: The views of a 10th grade class

David Gaspar Professor de Inglês

Advantages of social networking

The use of social networking is often characterized as a negative side-effect of the technological progress, due to the addition that is frequently attached to it. Nevertheless, it has advantages, especially for learning purposes, such as the facility in communication. Social media provide different platforms where it is possible for students to communicate, discuss and exchange different opinions, ideas and information that can be useful for their academic advance. Further, social networking encourages a greater interaction between students. Moreover, social networking offers a huge amount of resources that can be easily shared, giving the students the possibility to do/improve academic assignments. In addition, it is a more appealing way to learn, since students do not perceive their learning as an obligation but rather as moments of fruition. In fact, thanks to social networking, acquiring knowledge can be more interesting than traditional ways of learning. Therefore, learning no longer needs to take place only during school hours, but is highly complemented by work conducted through social networking.

Ana Silva, Catarina Marques, Bernardo Sousa, Mariana Filipe, Maria do Mar 10.º 3

Social networking: use caution and care

Social networks are considered an excellent tool for education, but can they get in the way of it? Some authors say that they can be harmful. However, some others claim they can be helpful to conduct school assignments. The first problem of social networks is the excessive use of slang and abbreviations: due to the constant informal way of writing, students use “the Internet languages” on real and academic life. Usually, this develops into nasty mistakes on academic assignments. Of course, there are merits in social networking, such as when we use the Internet in a classroom: students interact more and we have a deeper access to data, thus bolstering information contained in students’ manuals. It is also easier to share documents between students and teachers, such as sending assignments for teachers or when we

need to prepare group work: social networking makes it easier and quicker to do. Nonetheless, there are dangers and disadvantages. For example, when we spend hours on social networks during free time, sometimes even in classes, or when we substitute study for idly surfing the Internet. The solution for the disadvantages is using social networks with care and with caution, because everything excessive can and will be harmful.

Inês Costa, Mariana Almeida, Maria Inês Santos, Ricardo Esteves 10.º 3

Disadvantages of social networking

There are several academic studies that set forth the disadvantages of social networking towards learning. Research shows that frustration associated with negative peer comments can hurt students’ feelings and impact on psycho-emotional development. Studies show that self-criticism tends to increase between twelve and seventeen years of age. Social networks can raise negative emotions, that will disturb self-image and personality. Consequently, academic performance can be hampered. Since we live in an age of information overload, great immediacy and difficulty with dealing with failure, our attention span is impaired by social networking; we present a large increa-

se in anxiety; we become isolated; and thus, our school performance is affected. Another issue is that information transmitted by the Internet may not be truthful: when teenagers base their research only on the Internet, not researching books or other sources, their information is almost always faulty. As a result, it can damage learning. Our society is mostly dependent on the use of social networks, especially by young people. The use of social networks for academic learning has advantages and disadvantages, but the disadvantages and their dangers are decisive factors. These must be dealt carefully, if we are aiming at healthy adolescence and healthy learning.

Carolina Arnêdo, Filipa Fragoso, Iara Prazeres, Margarida Paim, Vasco Costa 10.º 3

EDUCAR PARA a Ciência

Laboratório do 1.º ciclo

Pedro Alpuim Professor do 1.º ciclo

Alguns dos saberes mais importantes que a Escola promove não são mencionados no currículo oficial, ou nos manuais; há um conjunto vasto de aprendizagens que são resultantes das ações, das vivências dos alunos que são também geradoras de aprendizagens significativas.

Algumas atividades realizadas no 2.º Período

ATIVIDADE EXPERIMENTAL DO 1.º ANO

Questões

- Explorar os conceitos de seco e molhado.
- Explorar os conceitos de moldável e não moldável.

Objetivo

- Levar os alunos a inferir que, com frequência, uma das formas de ficar doente é por contágio direto com outras pessoas que também já estão doentes.

“... nada na escola é neutro (...) os alunos aprendem coisas muito para além do que lhes é ensinado pela via instrucional em virtude da sua experiência diária”

Dreeben, 1976



ATIVIDADE EXPERIMENTAL DO 2.º ANO

O 2.º ano realizou uma experiência sobre a higiene dentária, contextualizada no conteúdo estudado na Área de Estudo do Meio: a **Dentição**.

Objetivo

- Compreender como é que a pasta dos dentes/flúor protege os nossos dentes das cáries



ATIVIDADE EXPERIMENTAL DO 3.º ANO

A água é uma substância com características muito especiais. Sem essas características a vida não seria possível. A água é considerada um bom solvente universal, porque dissolve uma grande variedade de substâncias, formando com elas misturas homogêneas, em que não se consegue distinguir o soluto do solvente.

Tema: Dissolve ou não dissolve?

Subtema: A água dissolve todas as substâncias?

Objetivos

- Testar a solubilidade da água na presença de diferentes substâncias (sólidas/líquidas).
- Identificar substâncias solúveis e substâncias insolúveis.
- Conhecer novos conceitos: solução, solvente, soluto, solúvel, insolúvel.



ATIVIDADE EXPERIMENTAL DO 4.º ANO

Realização da Técnica de Cromatografia em camada fina para separar e visualizar os componentes de corantes alimentares.

Atividade dinamizada pela professora Ana Margarida Madureira, da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa. O nosso obrigado por toda a disponibilidade.

Objetivos

- Identificar misturas coradas através da técnica da cromatografia em camada fina.
- Apresentar os conceitos de substância pura e mistura.
- Apresentar os conceitos de técnicas de separação de misturas como a cromatografia.
- Analisar os resultados visíveis.
- Diferenciar substâncias puras de mistura.
- Compreender as cores.



Estudo de polimorfismos em RASGRF1 associado à miopia numa população de jovens portugueses entre os 15 e os 18 anos

A miopia é um problema ocular, que afeta milhares de pessoas a nível nacional como por todo o mundo. Está relacionada com uma refração incorreta a nível da córnea.

As pessoas que sofrem de miopia costumam ter dificuldade em ler e visualizar, com clareza, objetos que se encontram à distância. Já objetos que se encontrem mais próximos, irão permitir à pessoa observá-lo com uma maior clareza. Por consequência as pessoas com problemas de refração ocular, segundo a bibliografia (Bailey, 2017), apresentam os seguintes sintomas: dificuldade em conduzir ou realizar desporto, dores de cabeça, náuseas, tonturas, fadiga e entre outros.

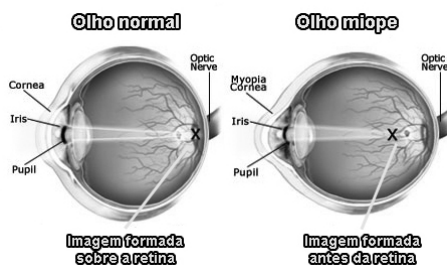
No entanto, ainda não se conseguiu descobrir, até à data, uma causa universal da miopia. Nesse sentido, ao longo dos anos, têm sido realizados inúmeros estudos que visam conseguir determinar as causas desta condição. De entre as várias abordadas destaca-se a relacionada com a genética.

Este trabalho tem por isso, como objetivo averiguar se um polimorfismo no gene RASGRF1, localizado no cromossoma 15, na posição 15q25.1, está associado à miopia, numa população portuguesa. Um polimorfismo é uma variação de um gene que pode levar a uma transcrição diferente e, consequentemente, uma expressão diferencial de uma proteína. Por outras palavras, um polimorfismo é uma expressão diferencial de um fenótipo.

Este estudo tem como fonte principal, um trabalho semelhante realizado numa população chinesa e japonesa, que obteve resultados positivos, mas não suficientes para poder afirmar, com toda a certeza, que exista uma relação direta entre este gene e a miopia. Deste modo, este projeto pretende retirar ainda mais conclusões acerca deste assunto. Assunto que, segundo a revisão de bibliografia realizada pelo grupo, ainda não parece ter sido abordado em Portugal. Apenas noutros países, como a China e o Japão (Chen Et al., 2015).

Durante o desenvolvimento desta investigação, será, primeiramente, necessário compreender a função da proteína codificada pelo gene em estudo, de modo a compreender a sua influência na miopia. De seguida, será crucial socorrer à parte prática. Nomeadamente, à recolha de amostras de saliva de vários elementos do secundário, do Colégio Valsassina, e à realização de um inquérito direcionado a esses mesmos alunos, de modo a compreender quais amostras correspondem a alunos portadores desta condição. Com essas amostras, serão realizados os testes em laboratório, de modo a compreender se, efetivamente, polimorfismos em RASGRF1 estão associados à miopia.

Berke Duarte, Pedro Cortez, Tomás Carneiro 11.º 1A
Projeto desenvolvido no âmbito da disciplina de Biologia e Geologia



Para o desenvolvimento deste trabalho contamos com a parceria do Instituto de Medicina Molecular, e em particular com a orientação e supervisão da Dr.ª Teresa Carvalho e da Dr.ª Sandra Martins. A sua disponibilidade e atenção têm sido determinantes para o desenvolvimento do nosso trabalho. O nosso profundo agradecimento por tudo.

**EDUCAR PARA
a Ciência e para
a Cidadania
Ambiental**

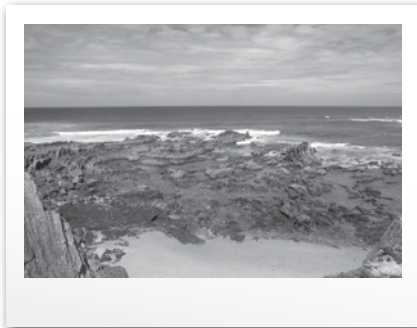
Praia de Almogrove: O presente é a chave do passado...

Fotoreportagem realizada na praia de Almogrove

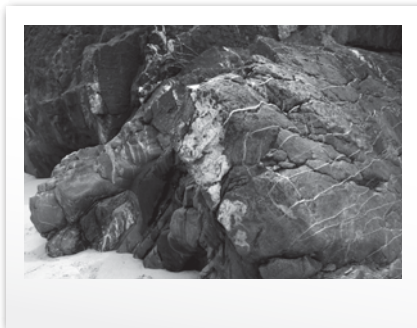
Catarina Gameiro 12.º 1A



A zona de Almogrove corresponde ao fundo de um oceano Paleozoico (oceano Rheic) onde se depositaram sedimentos que estiveram na base das rochas que hoje afloram neste local.



Na praia da Foz dos Ouriços existem dobras que, devido às múltiplas deformações sofridas, apresentam o eixo inclinado.



Os flancos de algumas dobras são cortados por veios, formados a partir de fluidos circulantes (no oceano Paleozoico) ricos em sílica, a qual viria a formar quartzo.



Almogrove é excelente local para a observação de estruturas de deformação dúctil. A dobra anticlinal na imagem é constituída por camadas intercaladas de argilito e de ardósia (baixo grau de metamorfismo).



O fecho do oceano Rheic, que separava dois continentes (Laurásia e Gondwana) originou a Pangeia e deformou as sequências de rochas, formando dobras e falhas.



Os fluidos circulantes depositaram-se nas fraturas provocadas pelas forças que atuaram nas rochas: veios horizontais são contemporâneos à dobra; veios perpendiculares (que atravessam os flancos) são anteriores à deformação.

Trabalho distinguido com o 1.º lugar no Concurso “Descobre a tua Geodiversidade” e com o 2.º lugar no Concurso Nacional Jovens Repórteres para o Ambiente 2017.

Agradecimentos

- Professor Doutor Rui Dias, pela disponibilidade e apoio durante a saída de campo à Praia da Foz dos Ouriços, em Almogrove.
- Centro Ciência Viva de Estremoz.

EDUCAR PARA
a qualidade
e excelência

Exames Nacionais 2017

Publicamos nesta edição da Gazeta Valsassina os resultados dos exames nacionais (do 9º ao 12º ano) e respetiva comparação com as médias nacionais. Todos os dados apresentados têm como fonte o Programa ENES do Ministério da Educação.

9º ANO DE ESCOLARIDADE

DISCIPLINAS	Nota média de exame	
	Valsassina	Nacional
Matemática	74,3%	53%
Português	70%	58%

11º e 12º ANOS DE ESCOLARIDADE (só alunos internos)

DISCIPLINAS	Nota média de exame	
	Valsassina	Nacional
Matemática A	15,6	11,5
Português	13,5	11,1
Geometria Descritiva A	18,4	11,9
Biologia e Geologia	13,3	10,3
Economia A	13,6	12,1
Física e Química A	13,3	9,9
Geografia A	12,7	11
Filosofia	14,2	10,7
Desenho A	16,4	13,4
História A	11,6	10,3
História Cultura e Artes	12,3	9,8
Matemática Aplicada às Ciências Sociais	13,3	10,1



Valsassina mantém sucesso nos Rankings do Ensino Secundário

“... o Colégio Valsassina ficou em 8º lugar no Ranking Nacional 2017, mantendo-se nos 10 primeiros lugares já há vários anos.”

No início de fevereiro deste ano foram divulgados os rankings de escolas, relativos aos exames nacionais de 2017. Muitas informações publicadas nos diversos órgãos de comunicação social traziam dados incorretos e/ou apresentavam comparações entre escolas com um número muito reduzido de exames. Após a disponibilização, pelo Ministério da Educação, da base de dados no site oficial do Júri Nacional de exames mais uma vez se verifica que, o Colégio Valsassina ficou em 8º lugar no Ranking Nacional 2017, mantendo-se nos 10 primeiros lugares já há vários anos.

De realçar também que, se constata uma presença nos 10 primeiros lugares, em várias disciplinas, como Matemática, Geometria Descritiva, Matemática aplicada às Ciências Sociais e Desenho A, bem como as classificações nos primeiros 15 lugares em Biologia e Geologia e em Físico-Química.

Esta estabilidade do Colégio Valsassina nos exames do secundário, a par da **entrada de 100% dos nossos alunos no ensino superior**, demonstra a consistência das aprendizagens bem como da aquisição de múltiplas competências que vão sendo desenvolvidas ao longo do percurso escolar dos alunos.

Em complemento, destacamos “o indicador da progressão dos resultados dos alunos”, nas disciplinas de Matemática e Português. Nestas disciplinas, tal como consta dos dados disponibilizados pela

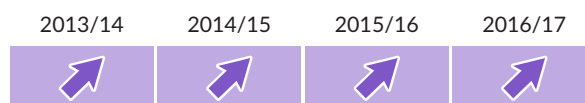
plataforma infoescolas, quando se analisa a progressão dos resultados dos alunos da escola (em Matemática e em Português) entre os exames do 6.º ao 9.º ano, e também do 9.º ano e do 12.º ano, quando comparada com a progressão dos outros alunos do país, verificamos que o Colégio Valsassina apresenta sempre um indicador de progressão que está entre os 25% mais altos do país.

Corroborando, de acordo com uma notícia do Jornal Público, **os alunos do Colégio Valsassina conseguem aprender mais do que a média dos restantes colegas do país, independentemente do ciclo de estudos que frequentem** (Público, Dezembro 2016). Por outras palavras, **estes alunos conseguem sempre melhorar em relação ao seu próprio desempenho no final do ciclo anterior, tanto nos resultados do 2.º e 3.º ciclos, como nos do secundário**. Parte deste sucesso prende-se com a possibilidade de os alunos se manterem sempre dentro da mesma escola “dos 3 aos 18 anos”. A estabilidade é um dos pontos mais valorizados pelos Pais e Encarregados de Educação aquando da última Avaliação externa (a 4ª avaliação externa), realizada em 2016, num processo desenvolvido pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Oviedo e pela Universidade do Minho. Os outros pontos destacados foram: a exigência do nível de ensino, os valores do Colégio, a segurança, a satisfação com a prestação dos professores e o espaço envolvente.

Progressão dos resultados dos alunos da escola a Português e a Matemática entre as provas nacionais do 6.º ano e do 9.º ano, quando comparada com a progressão dos outros alunos do país.



Progressão dos resultados dos alunos da escola a Português e a Matemática entre os exames do 9.º ano e do 12.º ano, quando comparada com a progressão dos outros alunos do país.



EDUCAR PARA

a qualidade e excelência

Quadro de Honra 1.º P 2017/2018

Do quadro de honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no ensino básico e de 17 valores no ensino secundário), quer no domínio curricular quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

Número	Nome	Turma
5º ANO		
4896	Vera Maria Rosado Paixão	5º A
4974	Sofia Simões de Abreu Faro Varandas	5º A
4992	Leonor Mateus Cintra	5º A
4947	Mariana Rodelo Francisco	5º B
5013	Maria Inês Gonçalves Martins Ferreira Alves	5º B
4980	Francisca Carvalho Paim da Câmara	5º C
6285	Ana Sofia Alves Andrade	5º D
6º ANO		
4807	Maria Madalena Brisson Lopes das Neves Nunes	6º B
4828	Ana Francisca de Sá Vilarça Venâncio Martins	6º B
5946	Inês Fonseca Esteves Braz	6º B
4750	Leonor Meireles da Cunha Guerra	6º C
5365	Chengxiang Xu	6º C
7º ANO		
4562	Ricardo Silva Abrantes	7º A
4585	Inês Maria Rosado Paixão	7º A
5054	Pedro Nuno Guerreiro Machado	7º A
6417	Laura Dias Mendes	7º A
4646	Pedro Duarte Freitas Gonçalves Bernardo Saraiva	7º B
5720	Jessica Alexandra Gomes Nunes	7º B
6321	Pedro Miguel Veloso Gregório de Velasco Martins	7º B
6344	Margarida Maria Mesquita Domingues Nunes	7º B
5347	Madalena de Castro Teófilo Baptista Filipe	7º C
4775	Matilde Parente Carvalho	7º C
6353	Carolina Dias Catapirra Gomes Pignatelli	7º C
4560	Madalena Patrocínio Carneiro Leitão Santos	7º D
4682	Simão dos Santos Rodrigues da Silva	7º D
4824	Tiago Cachadinha Alves da Silva	7º D
5135	Xavier Ferreira Alves da Cunha	7º D
5136	Catarina Sofia Paiva e Silva	7º D
8º ANO		
4330	Maria Saldanha Campelo de Almeida	8º A
4370	Joana Alves Pereira de Ferreira Monteiro	8º A
4440	Catarina Henriques Botelho Severino Alves	8º A
4401	Rafael Gueifão Cruz	8º A
4425	Margarida de Amarante Pamplona Santos Leite	8º A
4431	Gonçalo Carreira Corte-Real de Oliveira Abreu	8º A
4808	Inês Pereira Poiares Mourinho Félix	8º B
5194	Inês Madeira de Almeida Ribeiro	8º C
5517	Maria Madalena Marques Pires de Carvalho Pastilha	8º D
5615	Susana Wu Wang	8º D
9º ANO		
4234	Duarte Rebelo de São José	9º A
4242	Sofia Correia Braz Lopes Simas	9º A
4556	Vera Godinho Ferraz Leal	9º A
4670	Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva	9º A
5195	Inês Lourenço Galvão	9º A
6100	Luísa de Melo Borges Gracias Fernandes	9º B
4265	Lourenço Nuno Morgado Centeno	9º D
5420	Maria Joana Facha Loureiro de Brito	9º D



Número	Nome	Turma
10º ANO		
4013	Ana Sofia Torre Amaral	10º 1A
6016	Fábio Moraes Studart	10º 1A
11º ANO		
3892	Duarte Tomás Cardoso Rézio Martins	11º 1A
3895	Francisco Gameiro da Costa Martins Pedro	11º 1A
4387	Maria Laura Cortez Mota	11º 1A
4440	Ana Luísa da Silva Sampaio Soares Machado	11º 1A
5037	João Ricardo Almeida de Montalvão e Silva	11º 1A
5822	Berke Duarte dos Santos	11º 1A
6334	Tiago Teixeira Salem	11º 1A
4256	Diogo Oliveira Marques Adegas	11º 1B
5092	Sofia Maria Duarte Ferrão	11º 1B
5116	Pedro Miguel Martins Rocha Nunes Dias	11º 1B
5130	Rita Frada Reis Vieira	11º 1B
5148	Afonso Brito Caiado Correia Alemão	11º 1B
4266	João Pedro Morgado Centeno	11º 2
5079	Teresa Santos Costa Cabral	11º 2
5131	Maria Leonor Miguel Neto	11º 2
5218	Soraia Sofia Santos Silva	11º 2
4213	Patrícia Teixeira Belo Marques	11º 3
12º ANO		
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	12º 1A
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	12º 1A
3704	Catarina da Costa Gameiro	12º 1A
4076	Beatriz Henriques Ferreira Martins Bernardo	12º 1A
4096	Diana Marques Sanchez	12º 1A
4291	Francisco Henriques Botelho S. Alves	12º 1A
4913	João Neto Afonso Dickson Leal	12º 1A
4970	Afonso Morgado Mota	12º 1A
5633	Bernardo José Soares Alves	12º 1A
5858	Margarida Emília Pita Rios	12º 1A
3727	Miguel Henrique dos Santos Vicente Alves Nabais	12º 1B
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	12º 1B
4031	Mafalda Miranda Salreu Martinho	12º 1B
4107	Gonçalo Figueiredo Alves Lopes	12º 1B
4273	Guilherme Metelo Rita de Almeida	12º 1B
4963	Raquel Maria da Silva Novo	12º 1B
5606	Mariana Calado Franco	12º 1B
5864	André Girbal de Jesus Rebelo dos Santos	12º 1B
3714	Joana Santos Pereira dos Reis	12º 2
3726	Marta de Oliveira Martins Pugsley Inocêncio	12º 2
3733	Tomás Valentim Barbosa Droznik Bensimon	12º 2
5015	Guilherme Moreira Borges Fernandes Barroca	12º 2

COLÉGIO EM AÇÃO

Semana das línguas 2018

A Semana das Línguas decorreu entre 22 e 26 de janeiro, com atividades muito variadas que a tornam realmente uma autêntica festa, em que a Língua portuguesa convive com a inglesa, espanhola e francesa, exemplificando aquilo que valorizamos como multilinguismo cultural.

Nesta semana, procurámos transmitir, de forma divertida, sem deixar de ser pedagógica, que a aprendizagem das línguas nos torna melhores cidadãos, conscientes deste património imaterial, multilinguístico e multicultural.

No dia 26 de janeiro realizou-se a sessão de encerramento da Semana das Línguas. A Ode Triunfal, interpretada por alunos do 12º ano da professora Paula Gonçalves, marcou brilhantemente o início desta sessão num auditório cheio.

Envolvendo 18 professores de Português, Inglês, Francês e Espanhol e alunos dos vários ciclos do Ensino Básico, as atividades programadas tiveram muita participação, resultando em 54 medalhas de ouro, 17 de prata e 9 de bronze, distribuídas por equipas e individualmente.



Interculturalidade no 2.º C

No âmbito da Semana das Línguas, o 2º ano C participou, ao longo da semana (22 a 26 de janeiro), em diferentes atividades, tais como "O livro sai à rua", a qual consistia no reconto de um dos livros preferidos de cada aluno.

Aproveitando a interculturalidade presente nesta turma, solicitou-se aos alunos de origem brasileira, chinesa, espanhola, francesa e alemã que trouxessem livros com histórias escritas nestes idiomas.

Foi muito interessante ver o entusiasmo, curiosidade e empenho de todos os alunos nesta atividade.



Semana da Informática 2018

Realizou-se de 5 a 16 de Fevereiro a 11ª edição da Semana da Informática do Colégio Valsassina.

Como vem sendo habitual, os alunos envolveram-se com entusiasmo em vários jogos e atividades, desde o concurso Pesquisa Relâmpago em que os alunos do 5.º ano tinham de provar que eram rápidos a encontrar informação na Web, até à grande competição SideQuest, em que todo o 7.º e 8.º ano demonstrou com brilhantismo os seus conhecimentos de Informática. Mas a "prova rainha" do evento foi, como sempre, a Caça ao Tesouro, que este ano bateu recordes de participação e desafiou os alunos a decifrar enigmas digitais através de uma sequência progressivamente mais complexa de páginas Web.



Celebrou-se também, durante esta semana temática, o Dia Mundial da Internet Mais Segura, e foram dinamizadas sessões de esclarecimento com todos os alunos de TIC do 3.º Ciclo, este ano subordinadas ao tema "Criar e Partilhar com Responsabilidade". Foram muito proveitosas e todos esclareceram as suas dúvidas sobre o que acontece aos conteúdos que partilhamos na Web e nas redes sociais.

Semana da Educação Física 2018

Como forma de estimular a prática do exercício físico decorreu, entre 16 e 23 de março, mais uma Semana da Educação Física.

Entre as atividades realizadas, destinadas a alunos de todas as idades, destacamos os torneios inter-turmas de Futebol, Andebol e Basquetebol.

Comemoração do Internacional da Mulher

Para assinalar o Dia Internacional da Mulher, o Colégio Valsassina associou-se à campanha *We can do I.T.*, que pretende enfatizar a igualdade de género e pôr fim à associação de género por área profissional, ou seja, a ideia ainda presente de que existem profissões para homens e profissões para mulheres.

Com uma forte presença no Ensino Superior, as mulheres correspondem a uma percentagem de 54% do total de estudantes universitários, porém essa presença continua a não ser superior na área de ciência e tecnologia. No entanto, o quadro evolutivo mostra-se positivo, comprovado pelo aumento de 19% de mulheres inscritas em cursos de engenharia, entre 2014 e 2016.

Deste modo, no dia 8 de Março realizou-se uma sessão, dinamizada pela Altran Portugal, destinada essencialmente às alunas do Curso de Ciências e Tecnologias do Ensino Secundário. Durante esta sessão, consultoras das Altran Portugal partilharam a sua experiência e exploraram juntas das alunas quais benefícios e os desafios de uma Mulher em Engenharia e I.T., uma área onde a empregabilidade é, atualmente, superior ao número de profissionais disponíveis no mercado.

Foi uma sessão que suscitou muito interesse junto das nossas alunas.



ACONTECEU



Janeiras

No dia 9 de janeiro cumpriu-se a tradição! As turmas 5.º A e 7.º C assumiram a responsabilidade de cumprir tão nobre tradição. Nas disciplinas de Educação Musical e Espanhol, as turmas reuniram-se para ensaiar e preparar as canções "Boas Festas" e "Ro, mi ñino, ro".

As apresentações aconteceram no átrio da Música e pelas diversos pavilhões, levando a todos os desejos de Bom Ano 2018.

Concerto no Centro Paroquial S. Maximiliano Kolbe

No dia 11 de janeiro, o Coro Infantil do Colégio Valsassina foi o portador dos postais de desejos de bom ano escritos pelos alunos do 5.º e 6.º anos, no âmbito da disciplina de Português.

Foi um momento muito emocionante e de extrema responsabilidade levado a cabo pelas pequenas coralistas.

Visita à Assembleia da República

O Primeiro-Ministro é Deputado? O que é a Sala dos Passos Perdidos? Que poderes tem a Assembleia da República?

Estas foram algumas das questões esclarecidas na visita de estudo realizada no dia 15 de janeiro por alunos de 11.º Ano à Assembleia da República. Esta iniciativa faz parte do Plano de Atividades estabelecido pela disciplina de Educação para a Cidadania.

Encontro com a escritora Lídia Jorge no Palácio de Belém

No passado dia 16 de janeiro, 25 alunos do 12.º ano, representativos de todas as áreas, participaram na iniciativa "Escritores no Palácio de Belém", organizada pela **Presidência da República**.

Foi Lídia Jorge quem inaugurou a segunda edição desta iniciativa com a presença do **Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa**, que sublinhou a importância das políticas de promoção da leitura, enquanto contributo fundamental para o estabelecimento de igualdade de oportunidades no Sistema Educativo.

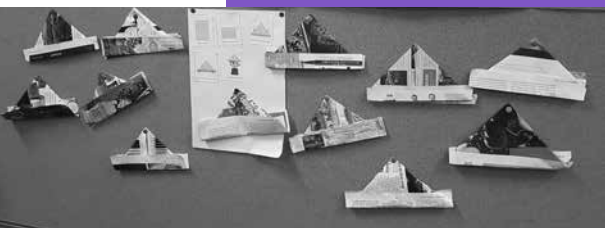


Valsassina recebeu Inspiring Future no dia 2 de fevereiro

A Associação Inspirar o Futuro é uma associação juvenil sem fins lucrativos com o objetivo de desenvolver projetos inovadores na área da educação juvenil. Esta associação foi responsável pela apresentação no Valsassina do Inspiring Future, no dia 2 de fevereiro. Durante este dia, decorreu uma Feira de Universidades que contou com a presença de mais de 40 instituições de ensino superior, onde os alunos (sobretudo os finalistas do 12.º ano) puderam conhecer melhor várias propostas de cursos universitários.

Programação no 1º Ano

Com base nos conhecimentos das aulas de programação, os alunos do 1º Ano criaram um algoritmo para construir um chapéu de papel.





Comemoração do Carnaval no Jardim de Infância

Dia 9 de fevereiro comemorou-se mais um Carnaval no Valsassina com muita diversão.

Em simultâneo, decorreram três sessões sobre os temas: Acesso ao Ensino Superior; Study Abroad (sobre estudar no estrangeiro); e “Como sobreviver de salto alto e gravata (dedicada à preparação para o mundo do trabalho).

Todas as informações sobre este projeto estão disponíveis em <http://inspiringfuture.pt/>

Concurso LER+

Mais uma vez os alunos do Colégio Valsassina foram desafiados a participar no concurso Ler+ do Plano Nacional de Leitura.

A prova foi composta por uma prova de compreensão escrita e a leitura de um excerto.

As obras escolhidas foram:

- 4.º ano: *Ynari - A Menina das Cinco Tranças*, de Danuta Wojciechowska e Ondjaki.
- 2.º Ciclo: *Sr. Valéry* de Gonçalo M. Tavares.
- 3.º Ciclo: *A coisa terrível que aconteceu a Barnaby Rooket*, de John Boyne.
- Secundário: *A Aparição* de Virgílio Ferreira.

Foram apurados para a 2.ª fase os seguintes alunos:

1.º ciclo – **Alexandre Peres** 4.º ano

2.º ciclo – **Xavier Videira** 6.º ano

3.º ciclo – **Ricardo Abrantes** 7.º ano

Ensino Secundário – **Carolina Gomes** 12.º ano

Literacia 3Di

A 1ª fase do Concurso Literacia 3Di, promovido pela Porto Editora, apurou para a segunda fase do desafio pelo conhecimento, os seguintes alunos:

MODALIDADE LEITURA	
7.º ano	Mário Rui Dantas Gilsanz Viana
MODALIDADE MATEMÁTICA	
5.º ano	João Miguel Santos Duarte Batista de Castro Salvador Santos
MODALIDADE CIÊNCIAS	
6.º ano	Leonor Meireles da Cunha Guerra
MODALIDADE INGLÊS	
8.º ano	Miguel Cabral da Rocha Henriques Sofia Isabel Duarte Leite Dinis Carvalho Alves da Silva Tomás Lopes Calado Marques Canas

A segunda fase do Literacia 3D i decorreu entre 26 de fevereiro e 2 de março em Lisboa.

ACONTECEU

Alunos do Valsassina participaram em Olimpíadas da Biologia, e da Biotecnologia

- Mais uma vez os alunos do Valsassina foram desafiados a participar nas **Olimpíadas de Biologia**. No dia 17 de janeiro participaram de 41 alunos do 11.º e 12.º (categoria sénior) na primeira eliminatória. A aluna **Carolina Gomes, 12.º 1A**, ficou classificada em primeiro lugar, nesta eliminatória, no colégio Valsassina.

Passaram à 2.ª eliminatória 22 alunos (11.º e 12.º ano), que se realizou no dia 7 de março.

Os alunos do 10.º ano participaram nestas Olimpíadas também, sendo que a 1.ª eliminatória para este nível realizou-se no dia 7 de março.

Para a mesma eliminatória, no dia 7 de fevereiro, participaram 109 alunos do 9.º ano (categoria júnior). 35 destes alunos passaram à 2.ª eliminatória, que se realizou no dia 21 de março.

- No dia 28 de fevereiro decorreu a primeira eliminatória das **Olimpíadas de Biotecnologia**. O aluno **Francisco Alves, do 11.º 1A** ficou classificado em primeiro lugar, no colégio Valsassina.



Visita de uma delegação da Croácia

A ONG Society for Sustainable Development Design, da Croácia, esteve em Portugal para conhecer boas práticas relacionadas com ambiente e sustentabilidade. Pelo trabalho desenvolvido na rede **Eco-Escolas**, o Colégio recebeu, no dia 5 de março, a visita de uma delegação desta ONG.

Esta associação está, atualmente, a implementar um projeto na União Europeia relacionado com a dinamização e participação em atividades de voluntariado relacionadas com o ambiente, a energia e as alterações climáticas.

Exposição de trabalhos desenvolvidos em Educação Visual 9.º ano: Design e Criatividade

Ao longo do 1.º Período, o grupo de Educação Visual desenvolveu um projeto para criar um banco de cozinha destinado maioritariamente a adultos.

Em primeiro lugar, cada elemento do grupo elaborou vários estudos em que apresentou várias propostas formais para bancos.

Selecionada a proposta mais criativa e adequada à função e ao espaço onde ira ser colocado, foi adaptado ao gosto de cada elemento



do grupo no que diz respeito à forma, textura e cor.

O resultado final que foi apresentado resulta de uma mistura de diferentes propostas formais e cromáticas.

Por fim, passou-se à construção da maquete em balsa e à respetiva pintura.



Educar pela Arte | para aprender com base na criatividade e liberdade de expressão

No Valsassina valorizamos os aspectos educativos presentes no universo da arte.

Este é um projecto colectivo do 1.º ciclo desenvolvido no Atelier de Expressão Plástica ao longo do mês de Fevereiro.

O resultado final são 8 painéis formando um mosaico de 352 autorretratos, que está exposto na entrada principal do colégio.



Recepção dos participantes do Curso Internacional Youth Leadership Training Course

A Associação Bandeira Azul da Europa organizou, em Portugal, um Workshop/ Curso de Formação em Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) – **Youth Leadership Training Course** – para jovens de diversos países do mundo que integram a rede Young Reporters for the Environment.

Esta iniciativa organizada em conjunto com a Foundation for Environmental Education e a UNESCO-Programa de Ação Global EDS, realizou-se em Portugal entre 15 e 19 de março.

Envolveu mais de 50 participantes de 27 países (África do Sul; Alemanha; Bermudas; Canadá; China; Singapura; Escócia; Eslováquia; EUA; França; Gales; Gana; Grécia; Israel; Líbano; Letónia; Macedónia; Malta; Mongólia; Montenegro; Nova Zelândia; Peru; Polónia; Portugal; Roménia; Sérvia; Suécia).

Esta workshop visou mobilizar e comprometer líderes juvenis em todo o mundo para se tornarem multiplicadores nas ações de EDS nas suas comunidades.

Um dos aspetos fundamentais da metodologia de trabalho da workshop passa por trabalho de campo, para investigação de diversos temas de sustentabilidade que serão posteriormente alvo de reportagem. Foi neste contexto que o Colégio foi selecionado para receber no dia 17 de março os participantes desta iniciativa e dar a conhecer o trabalho desenvolvido nas redes Eco-Escolas, SEA-UNESCO e Jovens Repórteres para o Ambiente.



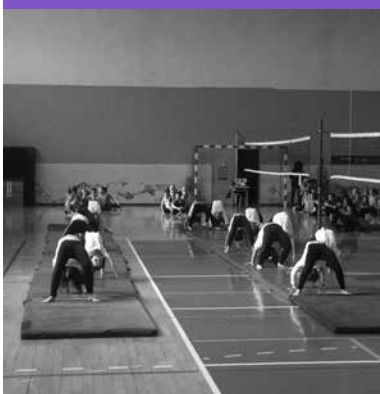
Alunos de Física do 12.º ano participaram no "Masterclasses 2018 – Ser Cientista por um dia ... Com as mãos nas partículas"

No âmbito da disciplina de Física, 9 alunos do 12.º ano participaram no "Masterclasses 2018 – Ser Cientista por um dia... Com as mãos nas partículas".

A atividade surge de uma colaboração entre o LIP – Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa e o CERN (<https://home.cern/>) e visa ensinar aos alunos os fundamentos da Física de Partículas usando dados reais recolhidos no CERN.

Este Marterclass realizou-se no dia 17 de março, no IST no Campus da Alameda.

ACONTECEU no desporto



Voleibol Valsassina Infantis participam com 5 equipas no 2.º Torneio do Desporto Escolar

As equipas de Voleibol do escalão Infantis participaram no 2.º Torneio do Desporto Escolar, que se realizou no passado dia 17 de fevereiro.

Os Infantis A masculinos e femininos venceram este torneio.



Exibição de Hip Hop e Ginástica do Valsassina no 2.º Torneio de Voleibol do Desporto Escolar

Os grupos de Hip Hop e de Ginástica participaram numa exibição das respetivas modalidades no 2.º Torneio de Voleibol do Desporto Escolar.



Vai acontecer... **abril**

- Viagem de finalistas 9.º ano
- Viagem de finalistas 12.º ano
- Participação no National Geographic Summit 2018
- Ações de conservação do talhão do Valsassina no Parque Natural de Sintra-Cascais
- Semana Verde

maio

- Semana da Música
- Apresentação de um projeto de Biologia na INTEL-ISEF, nos EUA
- Jantar de finalistas 12.º ano
- Mostra Nacional de Ciência e Concurso de jovens cientistas e investigadores

junho

- Um Dia na Escola
- Concerto da Primavera
- Primeira comunhão
- Alunos em ação na sua “Primeira experiência no mundo do trabalho”

julho

- Atividades de tempos livres

Blogues do Valsassina

Acompanhe na blogosfera algumas das atividades do Colégio Valsassina

Arte na Escola

“Arte na escola” é um espaço onde se pretende divulgar e dar a conhecer as atividades realizadas nas disciplinas de vertente artísticas no Colégio Valsassina, desde o 1.º Ciclo até ao Ensino Secundário: <http://www.evtvalsassina.blogspot.pt>

Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável

Atividades do projeto ecoValsassina: <http://geracaoecovalsassina.blogspot.pt/>

Ciência, ensino experimental, projetos de investigação dos alunos

<http://biovalsassina.blogspot.pt/>

Combater as alterações climáticas numa Low Carbon School

<http://co2amais.blogspot.pt/>

Cultura, literatura, escrita

<http://15menosumquarto.blogspot.pt/>

<http://os20versosdavalssa.blogspot.pt/>

Evocação do centenário da I Grande Guerra

<http://omaioirmuseudomundo.blogspot.pt/>



**COLÉGIO
VALSASSINA**

